

**BOLETIM PROMUSPP**

# **VULNERABILIDADE SOCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA**



**EACH** | ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Programa de Pós-Graduação em

**Mudança Social e  
Participação Política**

# BOLETIM PROMUSPP

## Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política da EACH/USP

### Organização

**Coordenação:** Elizabete Franco Cruz e Marcos Bernardino de Carvalho

**Capa, Edição, Diagramação e Projeto Gráfico:** Laís Eloá Pelegrinello, Laura Juliana de Melo Silva e Taís Rodrigues Tesser

**Revisão Textual:** Aline Lis Ramos Pereira, Evany Bettine de Almeida, Renata Leite e Simone de Goes Costa

### Colaboração

Aline Lis Ramos Pereira, Beatriz Besen de Oliveira, Corina Evelin Demarchi Villalón, Elizabete Franco Cruz, Emerson Silva Meneses, Evany Bettine de Almeida, Guilherme da Costa Meyer, Laís Eloá Pelegrinello, Laura Juliana de Melo Silva, Maitê Freitas, Manoel dos Santos, Marcos Bernardino de Carvalho, Maria Carolina Casati Digiampietri, Maria Eliza mattosinho Bernardes, Paula Caroline de Oliveira Souza, Rachel Macedo Rocha, Rafael Fernandes Rocha Damasceno, Renata Leite, Sheila Ventura Pereira, Simone de Goes Costa, Taís Rodrigues Tesser, Venícios Oliveira Alves e Vinicius Ferreira de Carvalho.

---

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades)  
Vulnerabilidade Social em tempos de Pandemia. Boletim do PROMUSPP  
Programa de Pós Graduação em Mudança Social e Participação Política. Cruz,  
Elizabete Franco; Carvalho, Marcos Bernardino; Pelegrinello, Laís Eloá; Silva,  
Laura Juliana de Melo; Tesser, Tais Rodrigues; Almeida, Evany Bettine de; Leite,  
Renata; Costa, Simone de Góes; Pereira, Aline Lis Ramos (org.)  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São  
Paulo. 2020.

56 p.

**ISBN:** 9798672311807

Palavras-chave: 1. Pandemia COVID 19 2. Mudança Social 3. Participação Política 4. Vulnerabilidade Social 5. Socioambiental 6. Gênero, Raça, Classe 7. LGBTQIA+ 8. Educação 9. Saúde 10. Segurança Social 11. Pessoa com Deficiência 12. Lazer 13. Animação Sociocultural 14. Trabalho em Rede

**Selo editorial:** Independently published

---

**Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades**

[www5.each.usp.br](http://www5.each.usp.br)

Rua: Arlindo Bettio, 1000 | Vila Guaraciaba - São Paulo | SP

CEP: 03828-000. Brasil

Contato: [promuspp-each@usp.br](mailto:promuspp-each@usp.br)



**EACH** | ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
Universidade de São Paulo



Programa de Pós-Graduação em

**Mudança Social e  
Participação Política**



## Como a pandemia afeta meu tema de estudo?

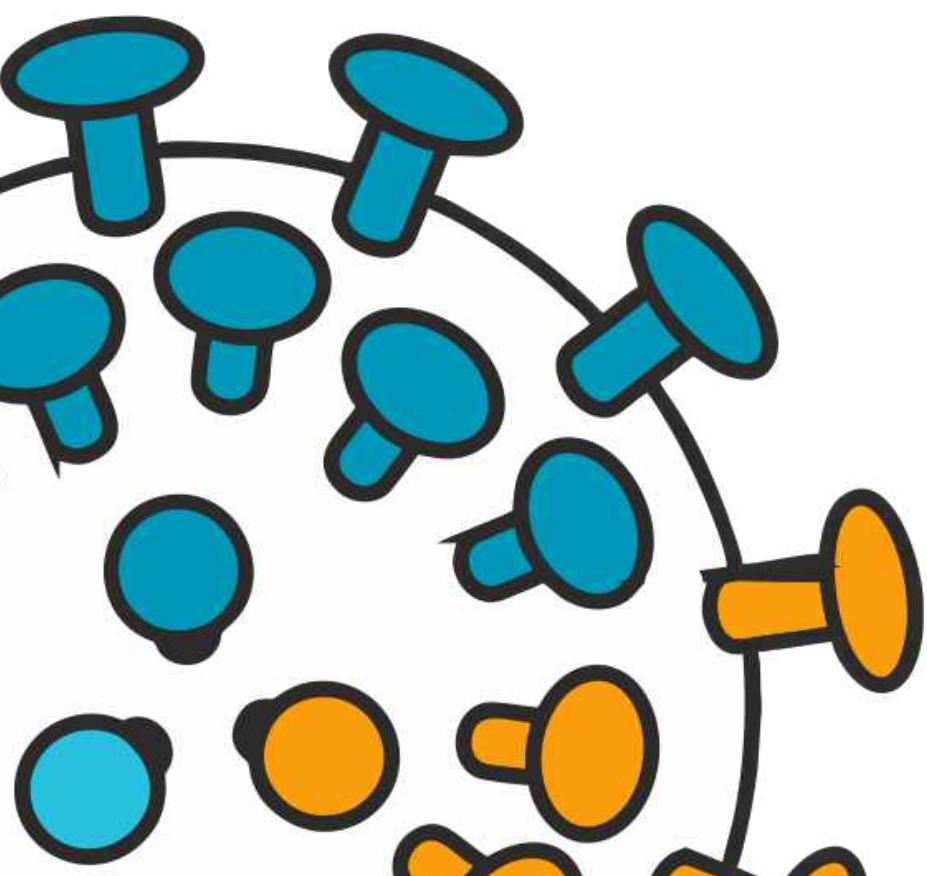
## Como a pandemia afeta a população que estou estudando?

Somos um programa de **Pós-Graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo**, a **USP Leste**, cuja área de concentração e identidade, **Mudança Social e Participação Política**, mais do que nos conferir um nome, indicam nosso compromisso.

Na situação de convergência crítica para a qual fomos conduzidos por todos os fatos que nos afetam nestes tempos, essa nossa denominação desdobrou-se em um imperativo – **Mudança social** – algo visceral para nossa sobrevivência que tem na **Participação Política** uma sugestão de caminho para alcançá-la.

Esta é uma conjuntura desafiadora. Muitas vidas reduziram-se a corpos inseguros, doentes, ameaçados, mortos... Vitimados por uma pandemia, por genocídio dos negros e dos índios e por toda sorte de desamparo.

Para quem produz ciências implicadas com a cultura, com a sociedade e com a vida, tal conjuntura traduz-se como inquietude, interpelação, chamamento que exige manifestação.



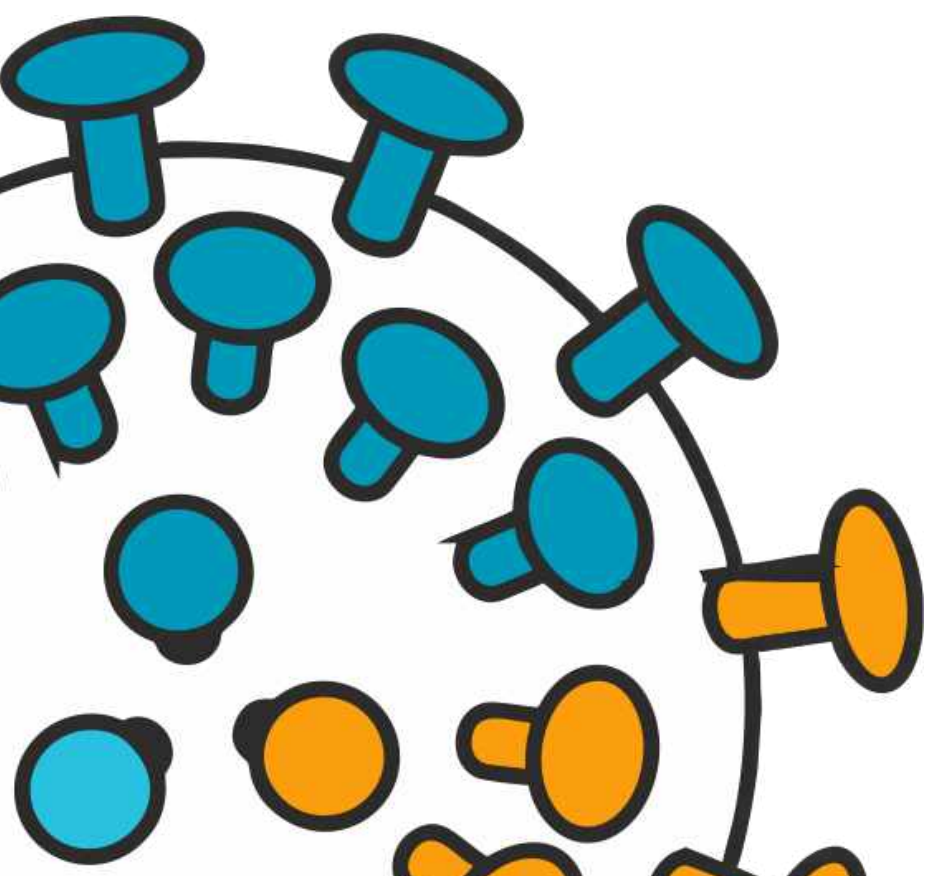


# 2020 ?!

**CANCELADO**

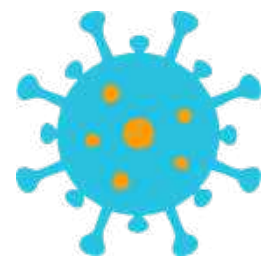
Quisemos que nossa manifestação fosse de autoria coletiva, produzida pelas pessoas abrigadas nesse Programa. Provocamos então essa autoria e participação dirigindo a todas elas a pergunta-título que encima esta introdução. As respostas que nos foram dadas por aquelas que se dispuseram a participar, foram reunidas integralmente neste boletim em que compartilhamos nossas sinalizações a respeito da pandemia, de nossas pesquisas e suscitamos reflexões sobre esse incrível estado de calamidade sanitária, social e política em que nos encontramos.

Antes de oferecer a leitura da íntegra dessas manifestações, compilamos excertos que destas saltaram para compor uma introdução, um texto coletivo, sem autoria identificada, a não ser a desse próprio coletivo. Essa espécie de editorial deste boletim resultou da fusão 'natural' desses excertos, encadeados diretamente por uma sintonia de preocupações comuns e facilitada, é claro, por instrumentos breves (uma palavra, uma partícula, uma preposição ou uma conjunção) que a nossa língua nos proporciona, seja para facilitar o diálogo, seja para amalgamar as preocupações que expressam.



# Respostas...

Composição Coletiva	04
Acesso a informação	23
Internacionalização	24
Conjuntura Social	26
Educação	27
Políticas Públicas	29
Medidas de prevenção e desigualdade social	31
Periferia	32
Educação e População Negra	34
Saúde da População Negra	35
Pessoa com deficiência	36
População LGBTQIA+	37
Mulheres	40
Comunidade Tradicional	42
População carcerária	43
Vulnerabilidades	44
Palavras	45
... etcétera ...	46
Vídeo Institucional	50
Fotos EACH em COVID19	51



# Composição Coletiva

Para começo de conversa, é preciso ouvir a ciência, a “ciência do concreto” (Levi-Strauss):

“Não se acende uma fogueira com lenha molhada” (Provérbio Yorubá)

E Chimamanda Ngozi, escritora nigeriana, alerta:

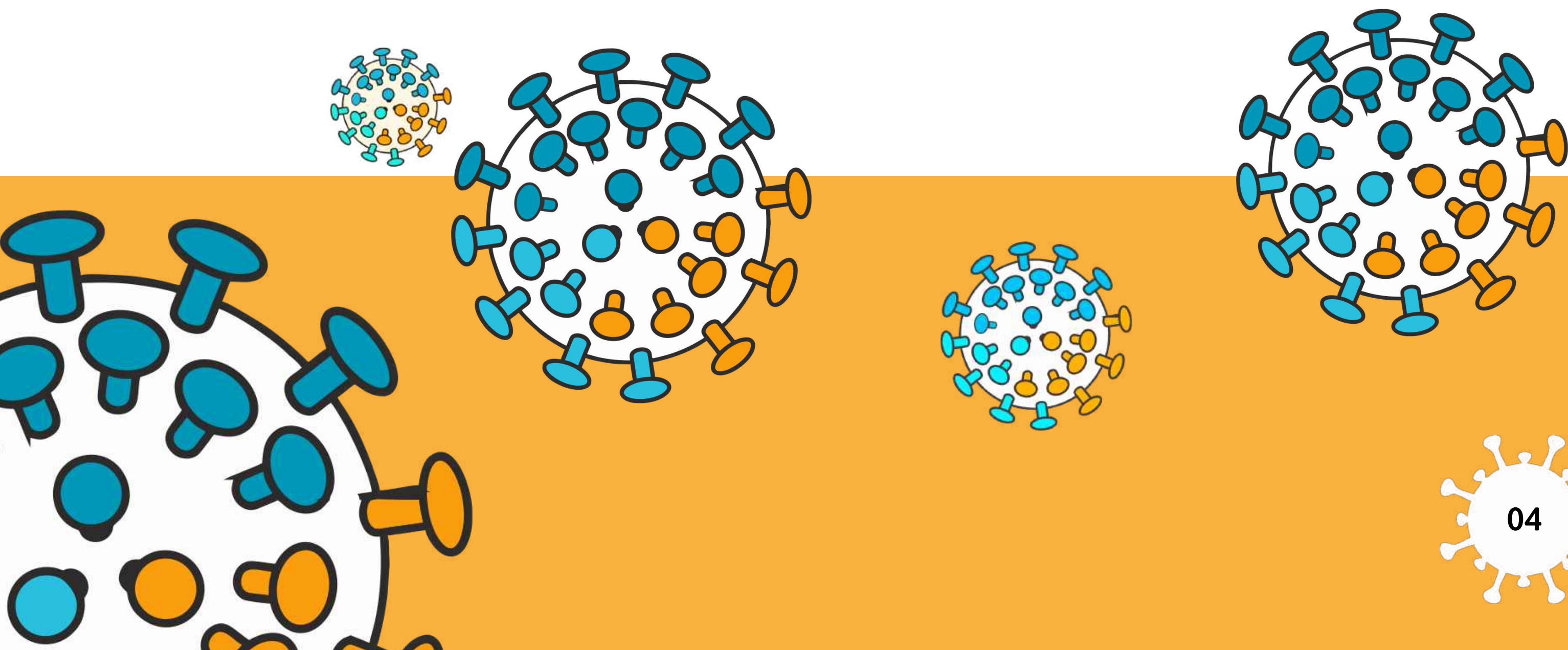
**"O perigo da história única",**

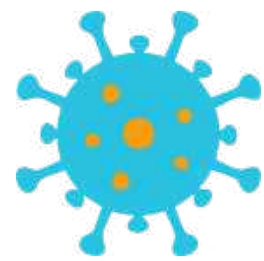
uma sociedade que ouve e se alimenta das mesmas fontes históricas, políticas e culturais corre um risco: do desconhecer a si e aos outros.

**Em um momento de pandemia, qual o perigo da história única?**

**Nada ficou de fora.**

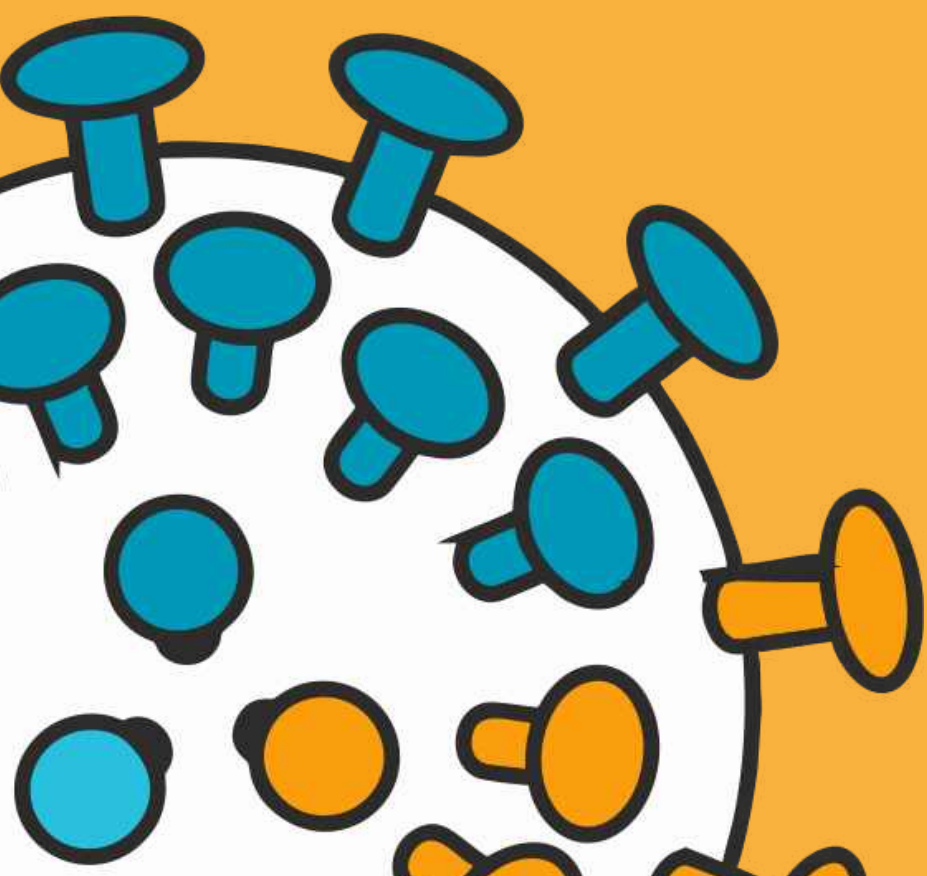
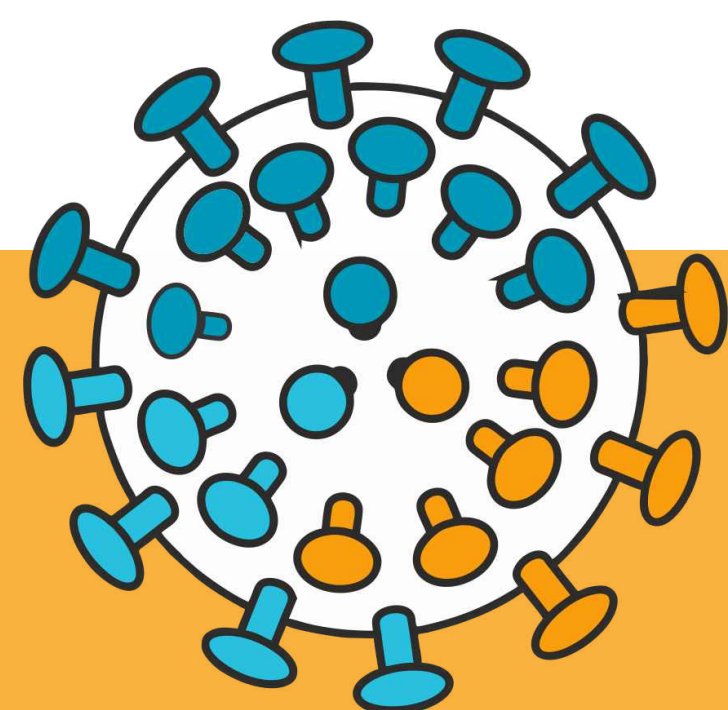
Todos os níveis de desenvolvimento humano sustentável foram afetados (o social, o econômico e o ambiental).

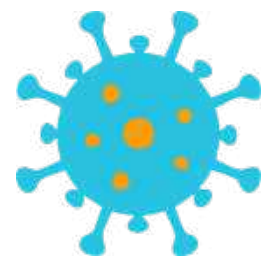




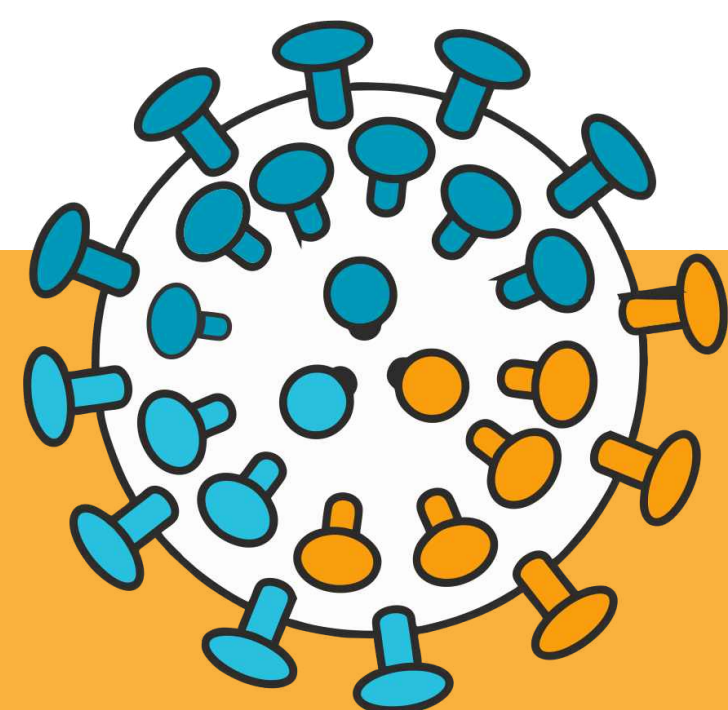
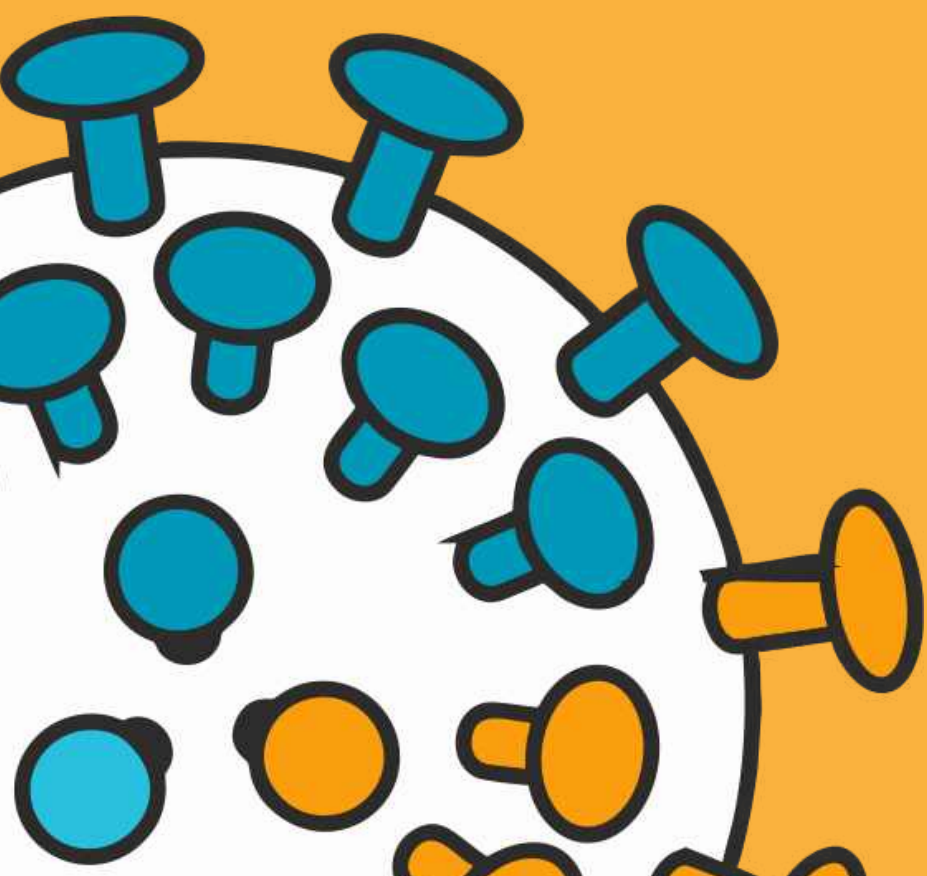
## E todas as pessoas sabemos de onde veio e quem produziu essa crise

Portanto, importante realçar, antes de mais nada, que essa pandemia também decorre da produção socioespacial contemporânea e da economia de predação e pilhagem que a viabiliza. Ou seja, essa pandemia revela uma dimensão socioambiental crítica do padrão de acumulação estabelecido globalmente. Os desequilíbrios provocados por esse padrão, bem como a organização geopolítica que o sustenta e o viabiliza, devem ser considerados na explicação da pandemia. Tudo isso também não se faz e nem acontece sem o auxílio dos conhecimentos e das tecnologias, que proporcionam a predação e a pilhagem viabilizadas por essa economia-política que se assenhorou do mundo. Ou seja, há um conteúdo epistemológico que também aqui se revela na compreensão e investigação dessa crise. E esse conjunto de aspectos interessam a qualquer pesquisa, estudo ou reflexão.

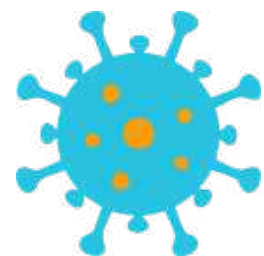




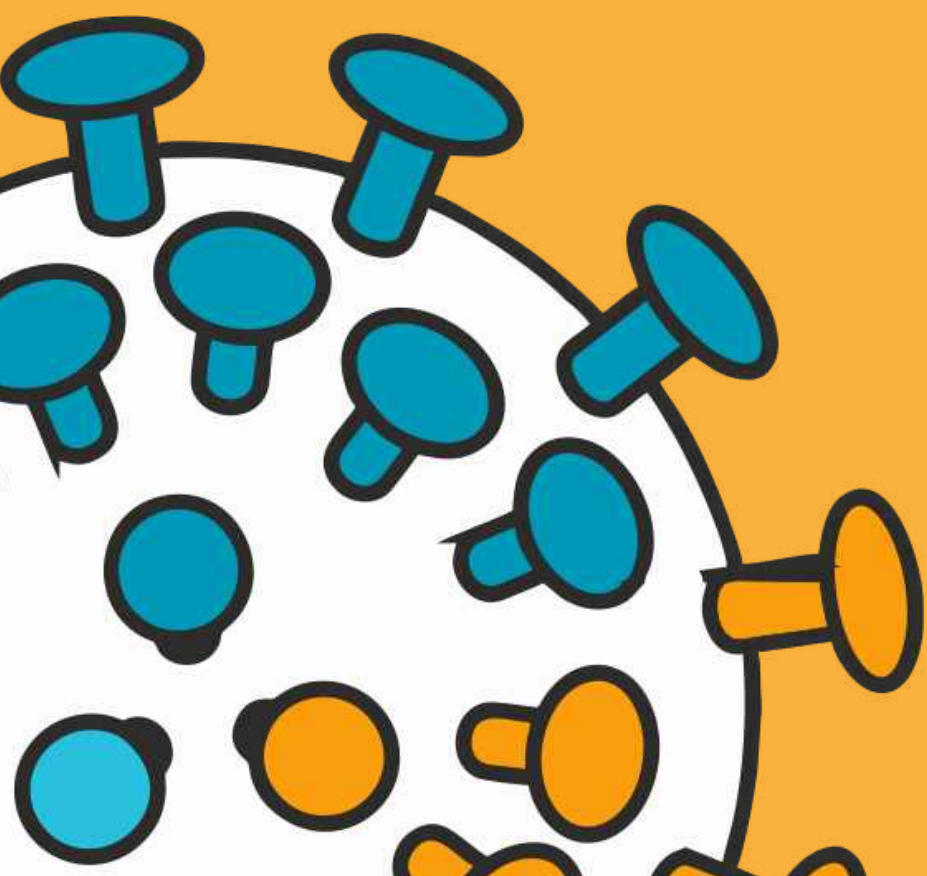
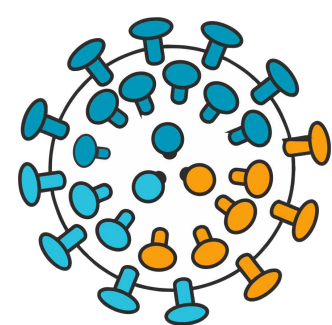
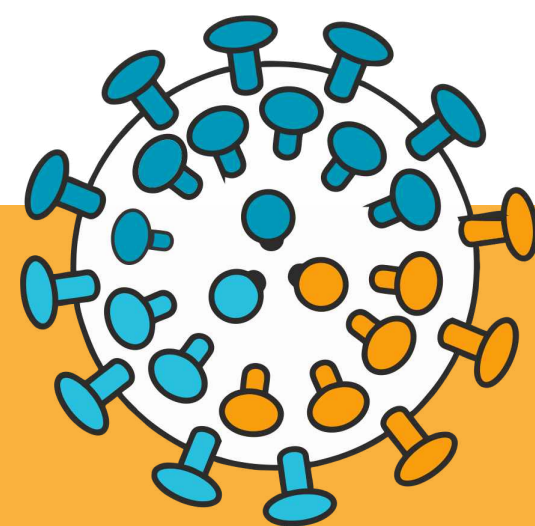
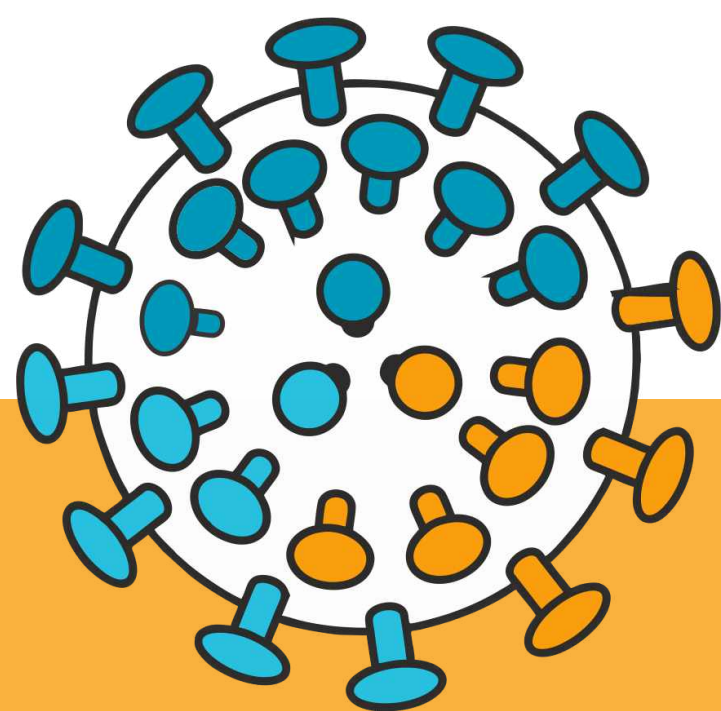
**No mundo e no Brasil, que é parte e cúmplice geopolítico desse globalitarismo,** para além de uma questão de saúde, a pandemia trata-se de uma questão social, que atinge grupos distintos de maneiras diferentes. De modo mais amplo, a crise atual explicita o aprofundamento das contradições do processo de acumulação capitalista, sendo que as tentativas do capital para superá-las baseiam-se na superexploração do trabalho e dos recursos naturais, assim como na adoção de medidas de austeridade e privatizações realizadas pelo **Estado brasileiro**, o que tem significado a retirada de recursos do sistema de proteção social e a perda de direitos conquistados (como o desmantelamento do sistema público de saúde).

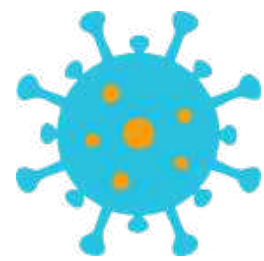




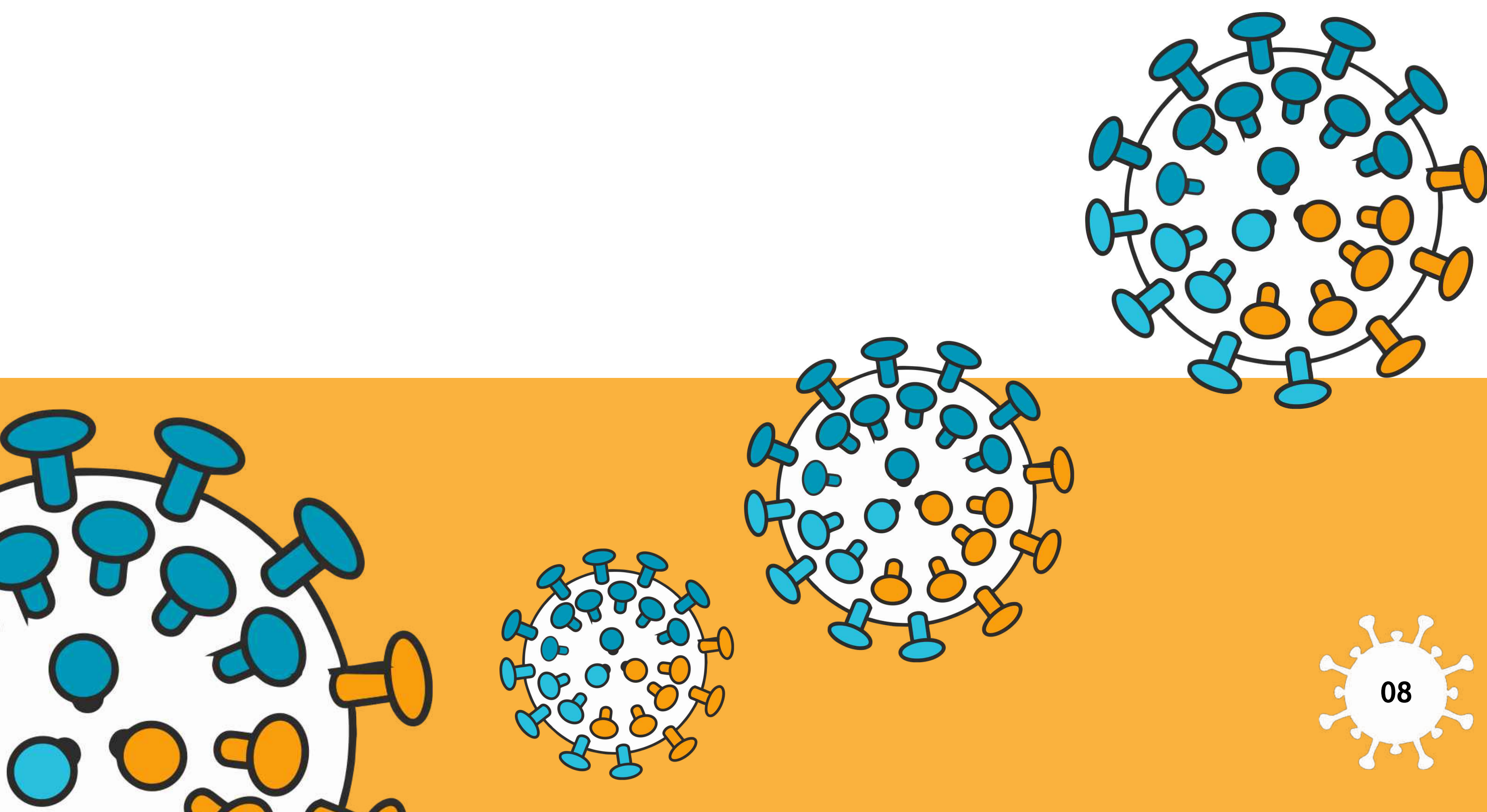


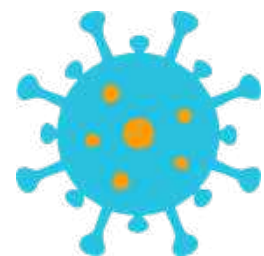
Uma das dimensões mais visíveis das **desigualdades estruturais da sociedade brasileira**, reside no nosso **modelo de urbanização**. O problema das nossas cidades é que elas foram planejadas não com o objetivo de atender, primordialmente, as demandas das camadas mais pobres da população, mas de forma a favorecer que poucos grupos econômicos pudessem lucrar com tal modelo de crescimento urbano. Por meio das políticas públicas, a ação do Estado cria processos de valorização diferenciada do espaço urbano, destinando recursos públicos para áreas associadas à ação consciente dos empreendedores imobiliários e seus negócios. Esses empreendedores têm expulsado para periferias cada vez mais distantes a população que ocupa as áreas designadas como “degradadas”, as favelas, ocupações de edifícios, áreas de “risco”, favorecendo, constantemente, os setores imobiliários, as construtoras e as empresas de transporte.





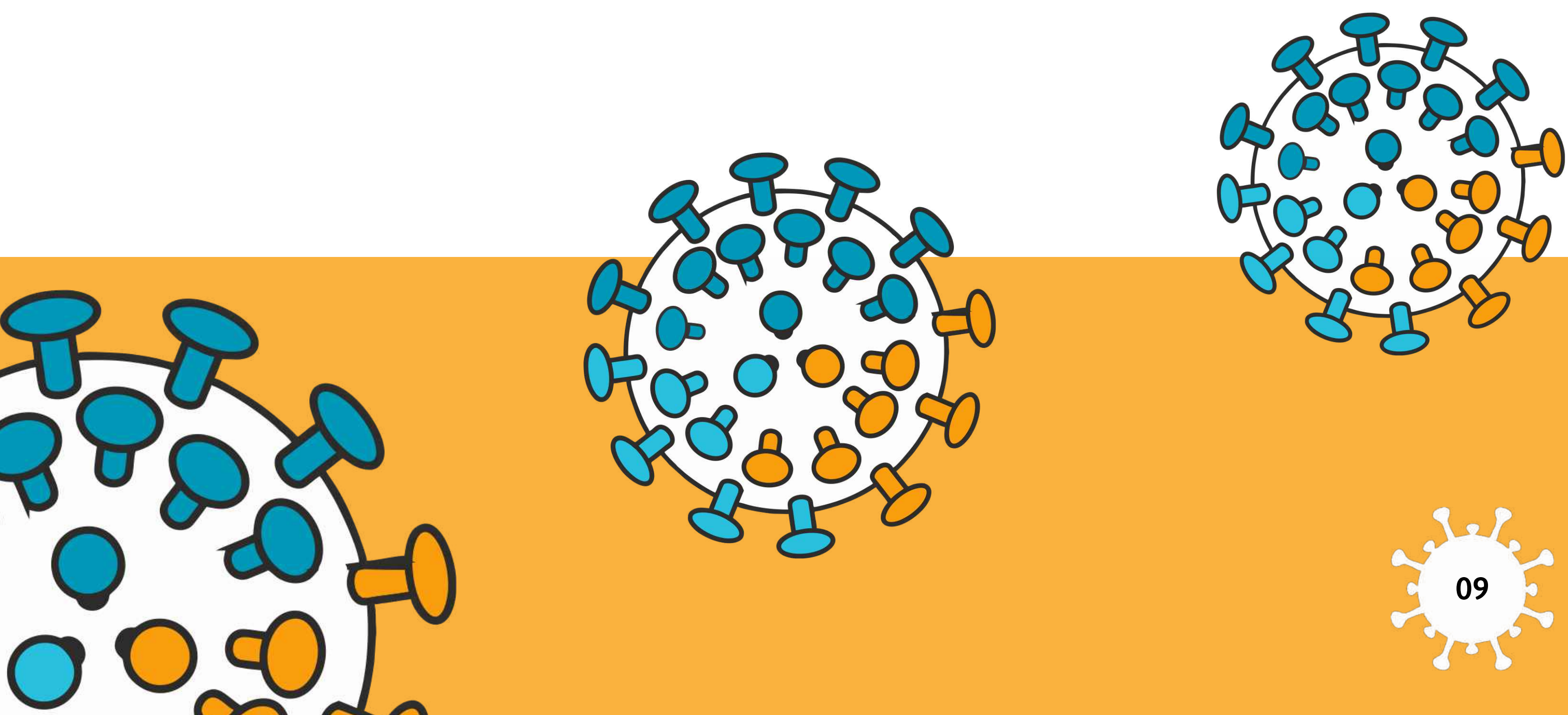
**Esse sistema-mundo urbano, que cresce ao nosso redor, no campo ou na cidade, produziu** o modelo de urbanização historicamente consolidado no Brasil, indica que nos próximos meses haverá um crescimento dramático de vítimas da pandemia nas periferias e favelas de nossas metrópoles. Contudo, ainda que sua importância esteja mais evidente do que nunca, a questão urbana não tem a devida prioridade no debate público.

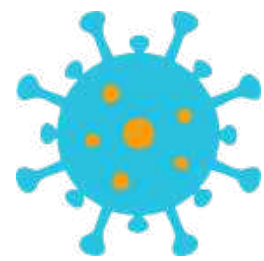




**A realidade da pandemia escancarou a incompatibilidade entre projetos neoliberais e a dignidade da vida humana, assim como aprofundou os traços autoritários do atual governo federal.**

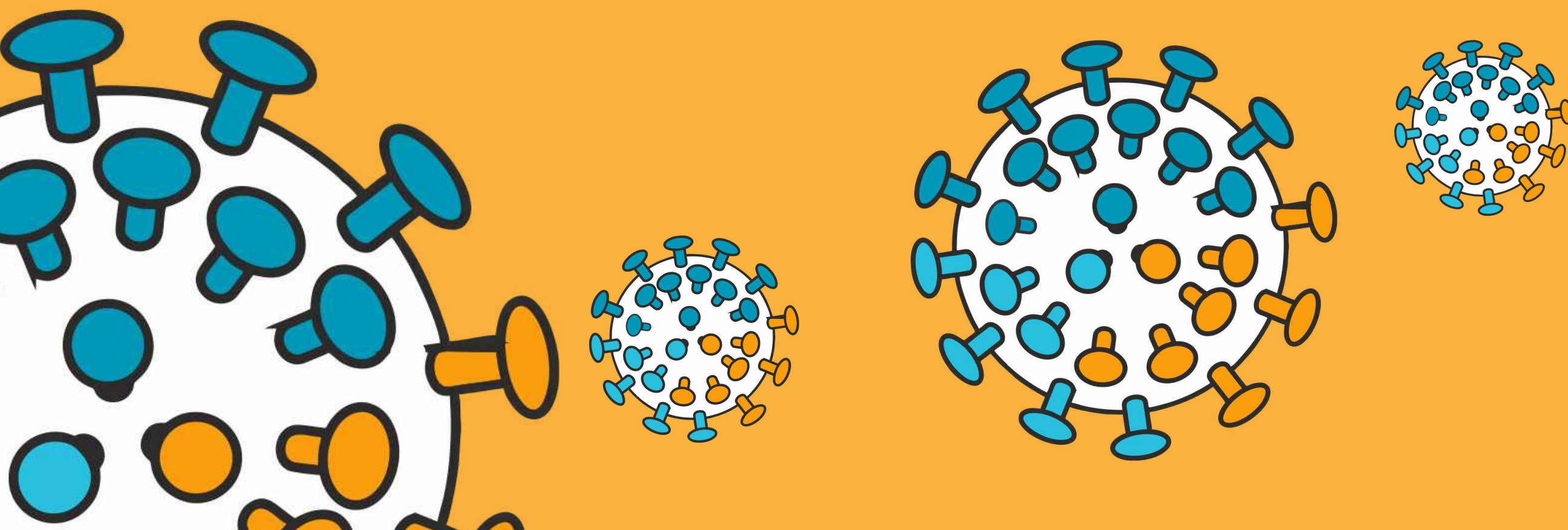
Quando o presidente nega a existência de um vírus que mobiliza o mundo todo, quando caçoa da imprensa dizendo e desdizendo, passa a centralizar apenas uma fonte de informação: ele próprio e seu partido (observemos que ele funda um partido, porque até mesmo o PSL já não serve a seu propósito). A negação da existência da ditadura militar é central em toda a construção de sentido proposta à sociedade brasileira. A deslegitimação do horror leva a relativização de todo tipo de violência.

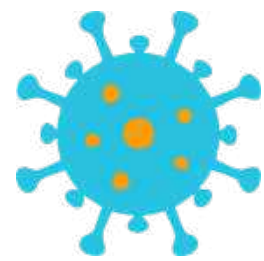




Diante de suas ações, Bolsonaro sustenta **O florescimento do ódio como afeto central** da população brasileira. Esse é justamente seu trunfo. O desmantelamento da solidariedade, da compaixão, da esperança nos nutre de ódio. O ódio é oposto a elaboração, opera do lado do trauma e da repetição. Aqueles que sobreviveram à ditadura e tiveram que conviver com as injustiças da anistia, conservaram em si a busca pela memória e pela verdade como aspectos centrais de suas lutas.

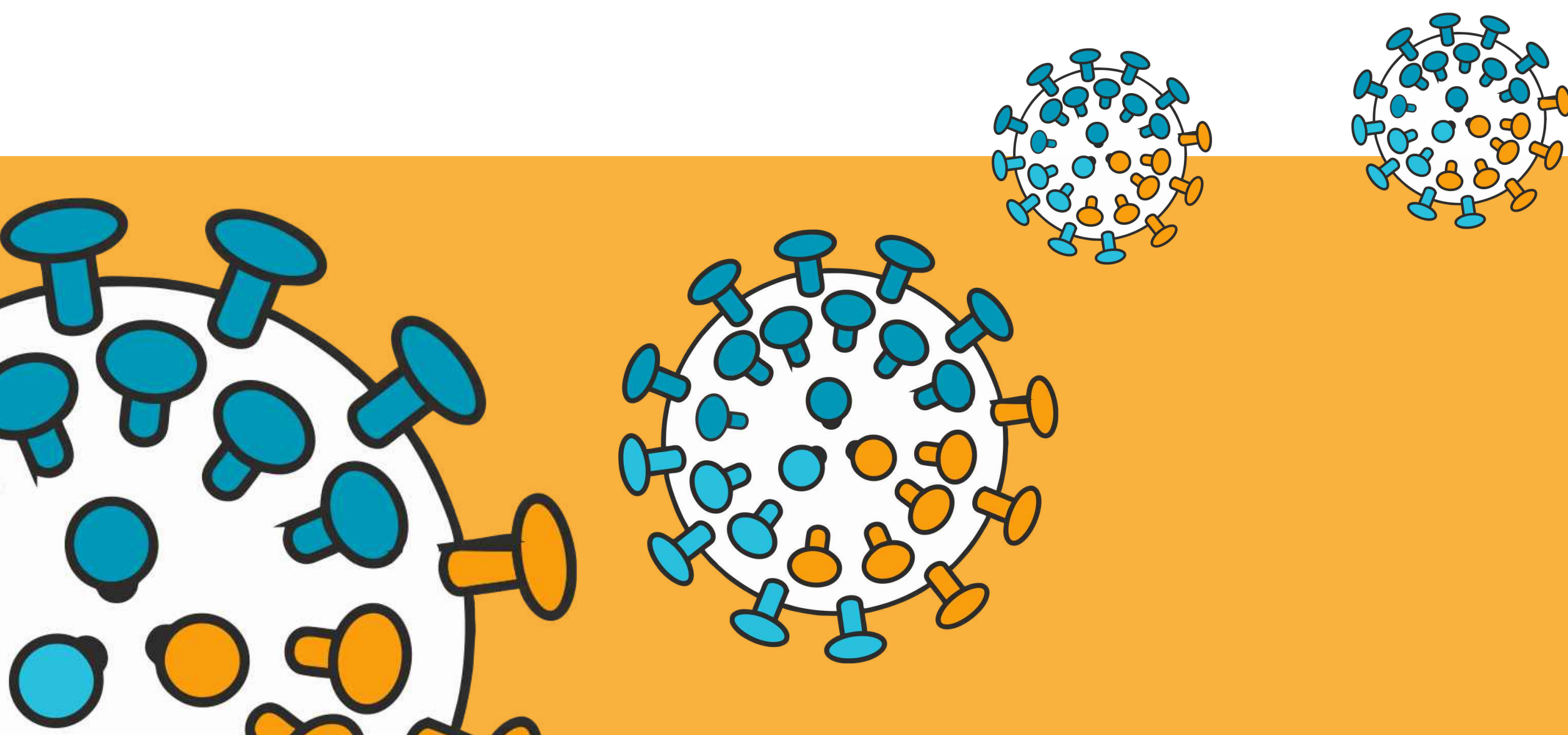
O negacionismo em relação ao vírus também reflete um projeto perverso revelado pelo recém divulgado vídeo da reunião ministerial: uma política neoliberal em que as vidas também são geridas pelas leis de mercado. Houve uma mudança no mapa do coronavírus no Brasil: no início da pandemia, em março, os casos da doença eram concentrados em bairros nobres, já a partir de abril há uma migração do vírus para as periferias.

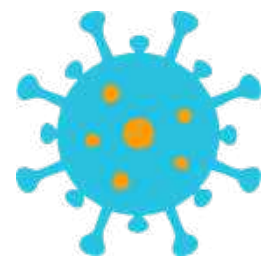




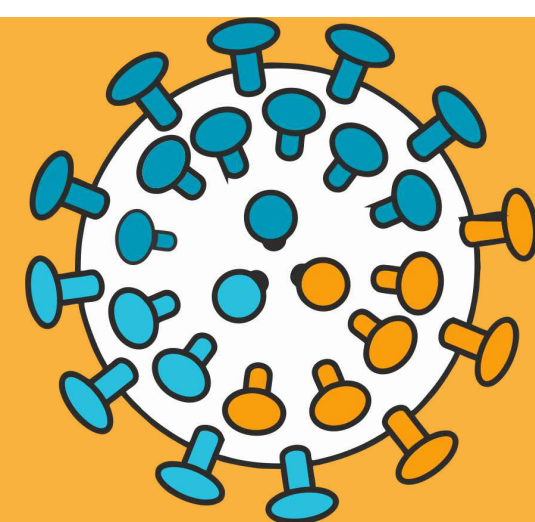
Atualmente no cenário brasileiro estamos cotidianamente assistindo ao aumento de mortes pela COVID-19 e as irresponsabilidades do Presidente da República que vai contra as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e levando seus seguidores a “nadarem contra a maré”. Além disso toda a rede de proteção social vem sofrendo um desmonte em todo o território. Serviços foram fechados e cortes de verbas reduzidos, contribuindo cada vez mais com o aumento da precarização dos trabalhadores que atuam na ponta onde ainda o Estado chega, mas de forma ausente e violenta.

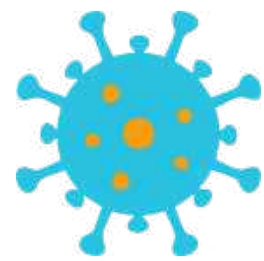
**Biopolítica, necropolítica, vida nua e precária** (nas inspirações de Foucault, Mbembe, Agambem e Butler). Marcadores sociais da diferença nos distinguem na precariedade que tragicamente nos une, naquilo que alguém um dia pensou que poder-se-ia denominar de humanidade.





**No campo da educação, isso não é diferente.** O que se vivencia na atualidade no campo da **educação básica** e **superior** é a expressão das contradições historicamente instituídas no Brasil e no mundo, oriundas das lutas de classes. No contexto da crise social atual, agravada pela pandemia do Covid - 19, evidenciam-se as muitas diferenças sociais que, de alguma forma, estavam naturalizadas ou veladas pela vida cotidiana que emerge da sociedade organizada a partir dos fundamentos do neoliberalismo. Faz-se necessário sistematizar uma crítica teórica sobre condições sociais emergentes e apontar caminhos para a sua superação. Tais caminhos pressupõem o **reconhecimento e valorização do trabalho docente** e a criação de **políticas públicas educacionais** que promovam melhores condições para **a formação de professores** e para o ensino **desenvolvedor para todos**, nos diversos níveis educacionais..

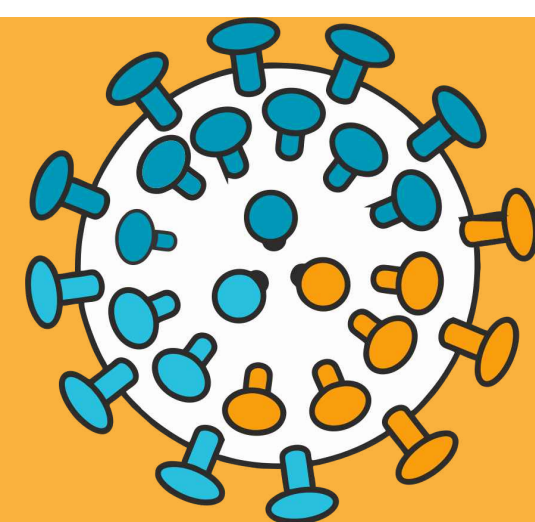
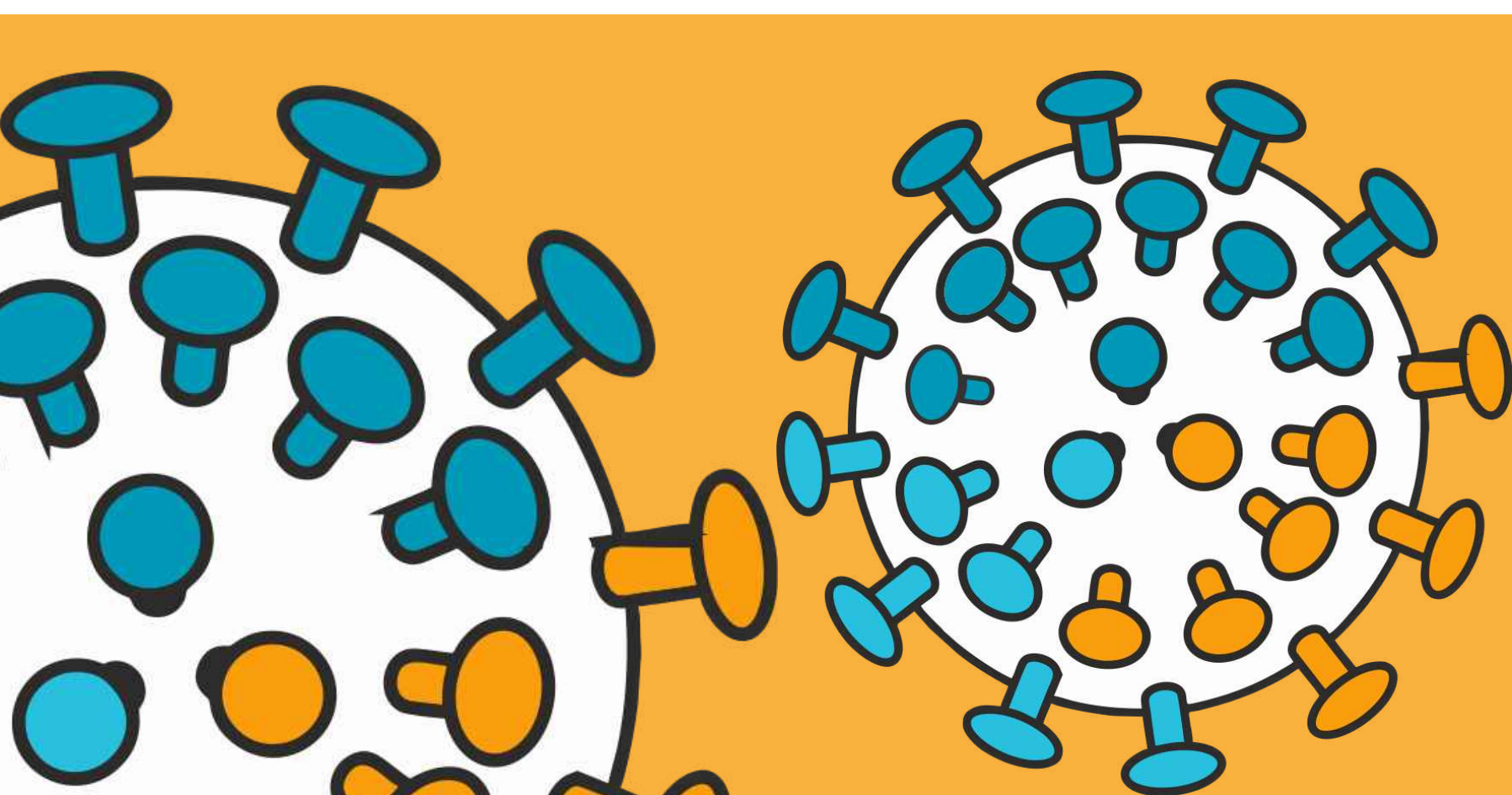


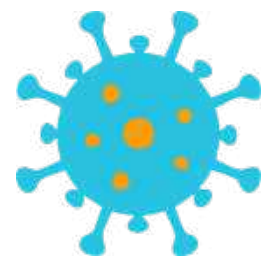


**Temos resquícios da colonização até hoje,** que impedem que as oportunidades cheguem a todos da mesma maneira.

**A pandemia só escancara os marcadores sociais de diferença,** e como é desonesto analisar todo esse cenário sem uma perspectiva histórica e racial. Não podemos naturalizar as desigualdades e compactuar com o discurso meritocrático que contribui para a perpetuação das diferenças e consolida o projeto do Estado em manter a hegemonia.

**Biopolítica, necropolítica, vida nua e precária....**



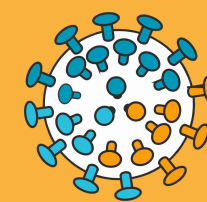
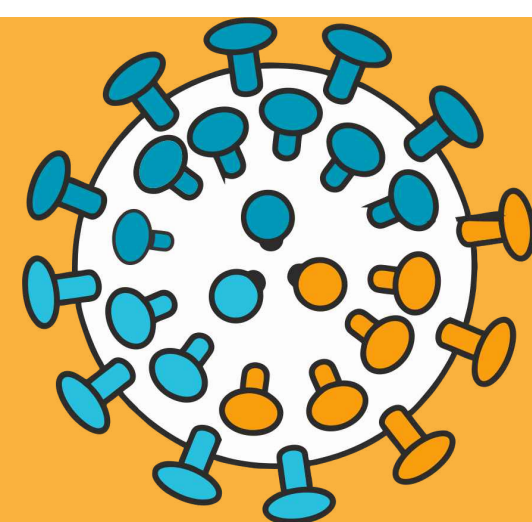
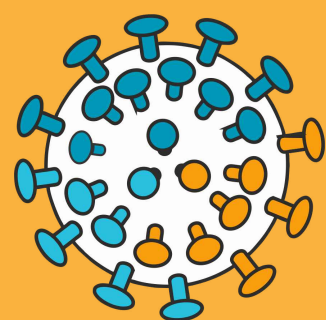
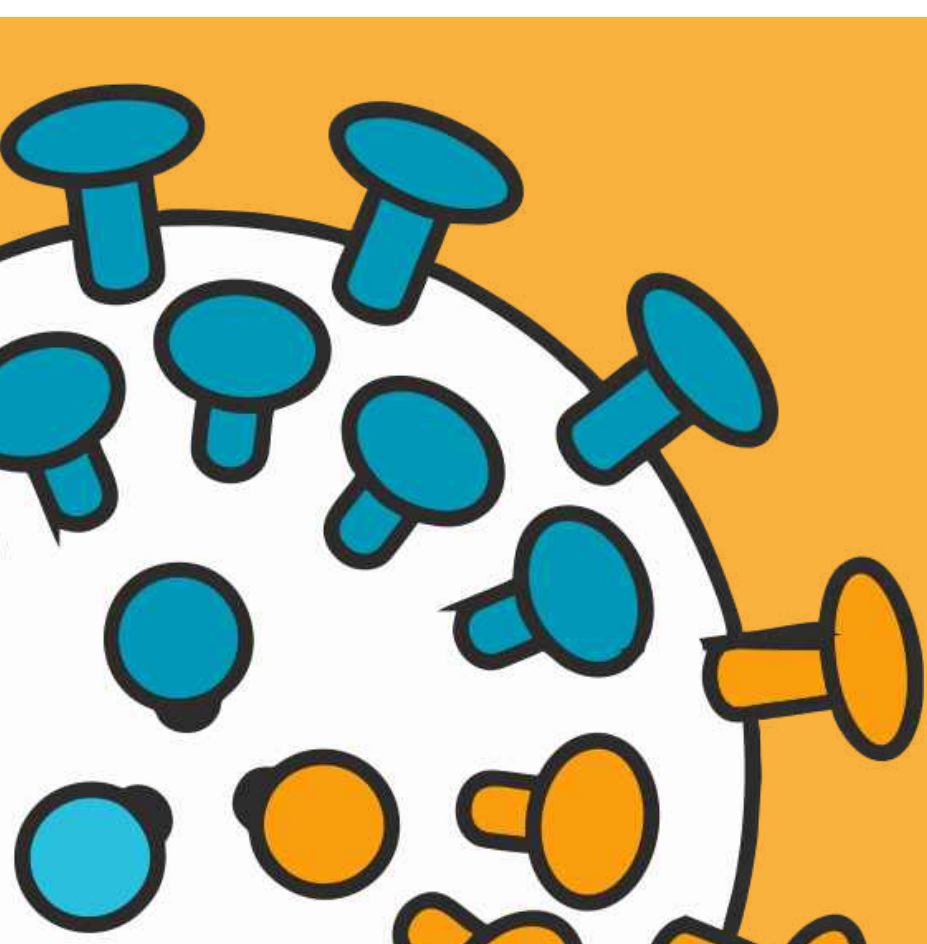


## Mais uma vez, é preciso recorrer à 'ciência do concreto' e dar voz às especialistas:

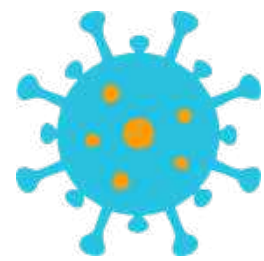
No dia 28 de abril, de 2020, a travesti Lorys Verônica Ciccone postou em sua rede social:

“Sabe essa vulnerabilidade? Sabe esse sentimento de abandono? Sabe esse isolamento social? Sabe esse medo de sair de casa? Sabe esse receio de que a qualquer momento algo ruim pode acontecer? Sabe esse sentimento de impotência? Pois é, não é vitimismo isso tudo nós mulheres travestis sentimos há muito tempo, é difícil lidar, aceitar e viver, mas nós aprendemos. Nenhuma novidade pra nós. A gente já #Ficavaemcasa muitas vezes com vontade de sair, porém com medo de ir e não voltar. Hoje isso é por causa de uma pandemia, corona vírus. Vivemos assim durante décadas e devido a outra pandemia, tão cruel e letal quanto. O preconceito, violência e impunidade. O corona vírus vai passar já a outra infelizmente vai continuar.”

### A pandemia passa, a violência não!



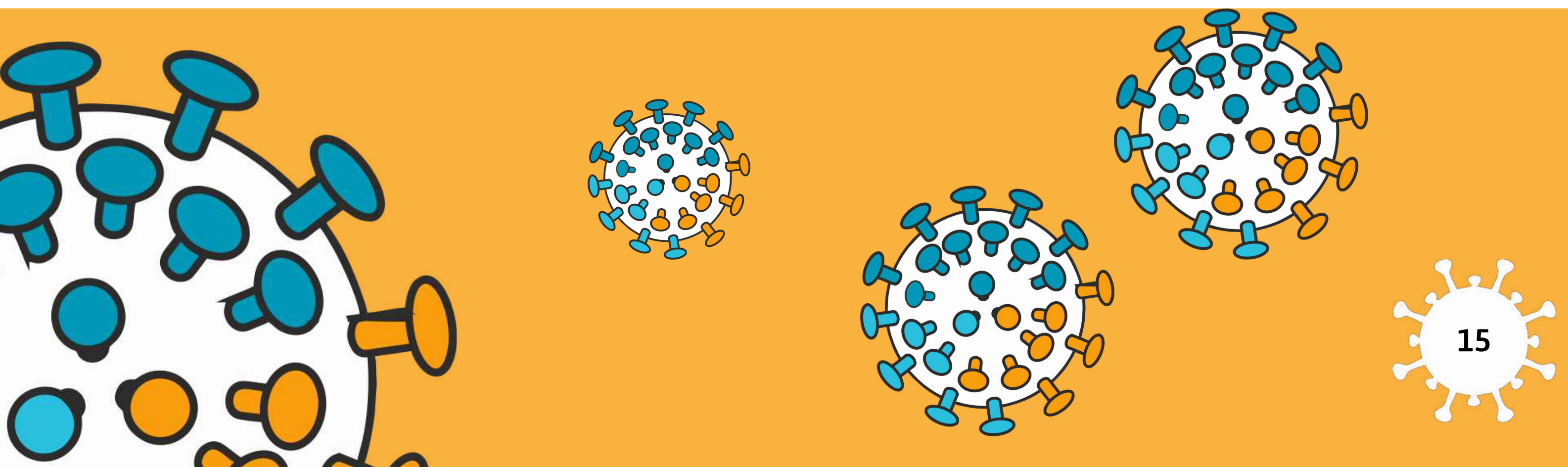


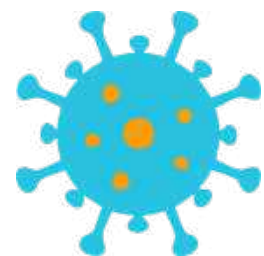


Assim, é possível avaliar o que sofrem as vítimas, sujeitos-objetos das 'ciências do abstrato', que nós, pesquisadoras da academia, solidariamente interrompemos, neste ano sem graça de 2020:

Lembramos de novo **a população trans e travesti** da cidade de São Paulo. Esta população está sendo afetada pela pandemia drasticamente. Em sua maioria composta por **pessoas negras, moradoras da periferia, profissionais do sexo** trans e travestis que não conseguem trabalhar neste momento.

E os olhares para as que se afetam duplamente: populações vulneráveis que compreendem **pessoas mais velhas e mulheres trans.**

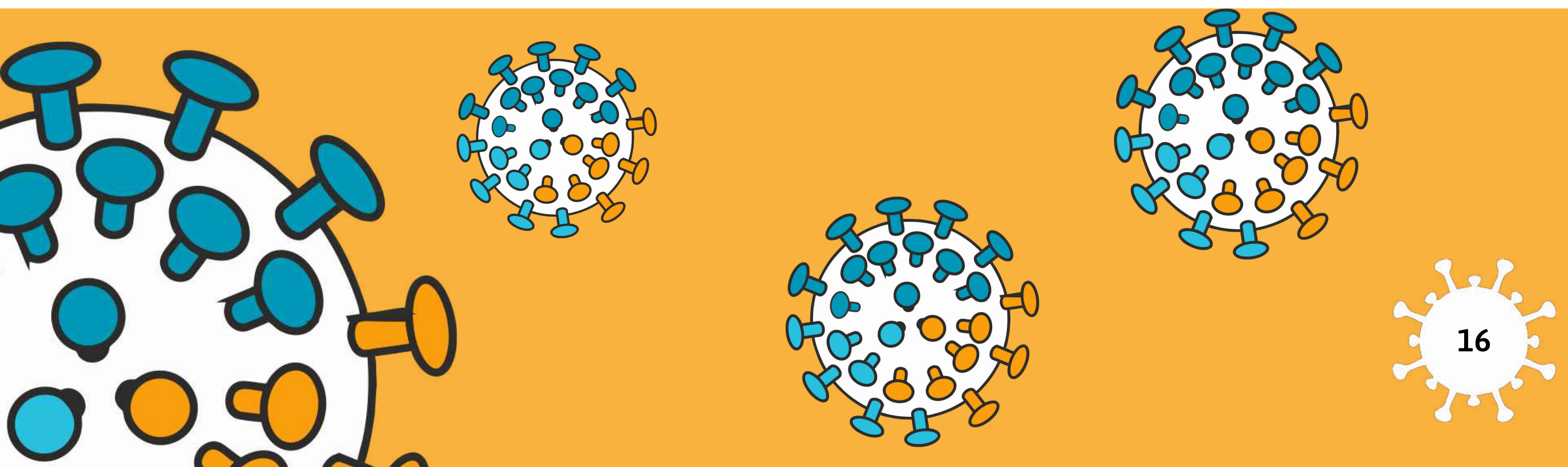


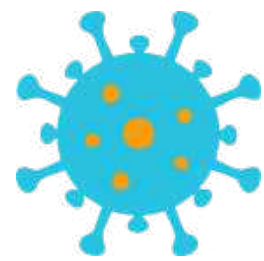


A pandemia explicitou ainda mais os graves problemas enfrentados **pelos moradores de favelas e das periferias no Brasil** (onde concentram-se a população negra e as menores médias de idade ao morrer, assim como as menores taxas do emprego formal).

**A pandemia agrava as fragilidades de grupos sociais** como as pessoas que vivem com a doença falciforme, ou aqueles que em outras condições são **afetados no recorte de classe, gênero e raça** ... Toda a **desigualdade** que sempre existiu no Brasil **é escancarada** neste período.

Como as pessoas, **desse isolamento e desolação**, que habitam imóveis superlotados e em áreas com uma infraestrutura urbana precária (incluindo o saneamento básico) e densamente povoadas, seguirão as recomendações sobre isolamento social e higiene? Uma grande parte dessa população vive com vários familiares no mesmo imóvel (coabitação), o que inviabiliza o isolamento na prática.

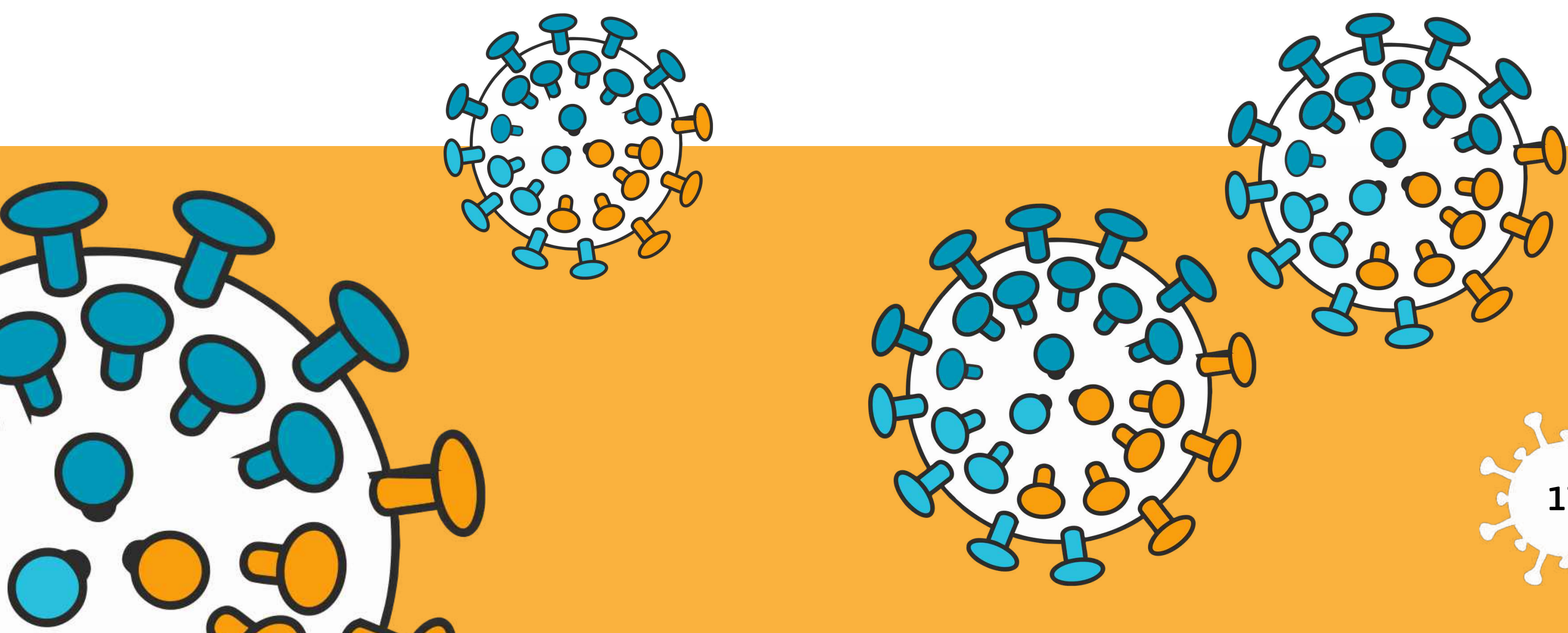


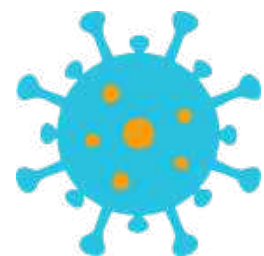


Desde a chegada do novo Corona vírus no Brasil, as orientações de higiene e limpeza são repetidas à exaustão; mas para quem se destinam estas orientações? Lavar as mãos nunca foi tão importante, mas todos podem lavar as mãos?

Em se tratando da ausência ou deficiência no acesso ao abastecimento de água potável, como garantir que famílias vulneráveis sigam os protocolos de higiene e limpeza necessários para conter a disseminação de Covid-19? Como o simples ato de lavar as mãos, higienizar as compras, roupas e calçados pode ser simples para pessoas que não acessam o básico para a manutenção da vida que é a água?

Sendo assim, diante de tamanha crise, **as pessoas com deficiência ficam ainda mais desamparadas**, e as atividades socioculturais em geral ficam em segundo plano na vida dessas pessoas, diante de tamanha limitação de acesso a direitos fundamentais.

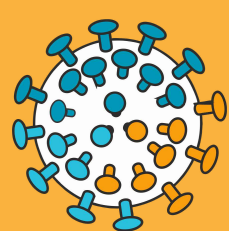
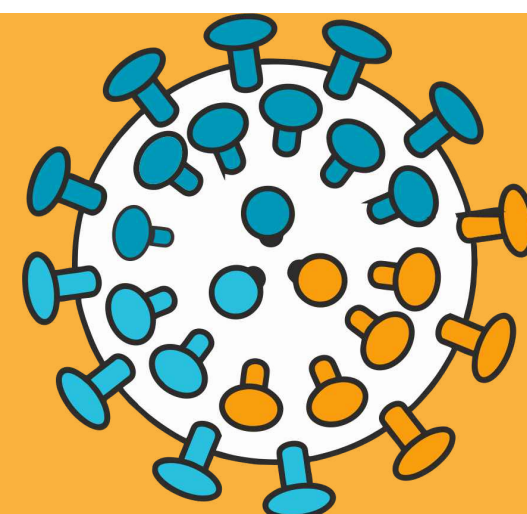
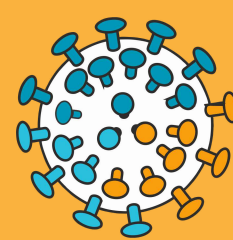
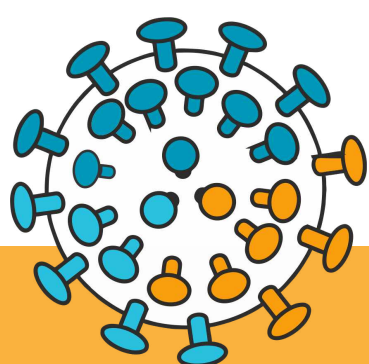


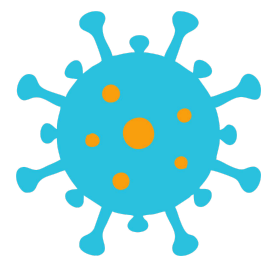


A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) e as medidas de prevenção trazem desafios ao mundo inteiro. Mas **impacta diretamente nas mulheres, pois** a necessidade de isolamento social trouxe o trabalho produtivo convivendo com o trabalho doméstico e de cuidados.

## Mulheres: a pandemia as tem afetado sobremaneira

As mulheres trabalhadoras do turismo, principalmente as mais humildes como **as arrumadeiras, camareiras e faxineiras estão sofrendo desempregadas**. Os números da **violência contra a mulher** aumentaram muito. Enfim, há muito o que escrever sobre isso.

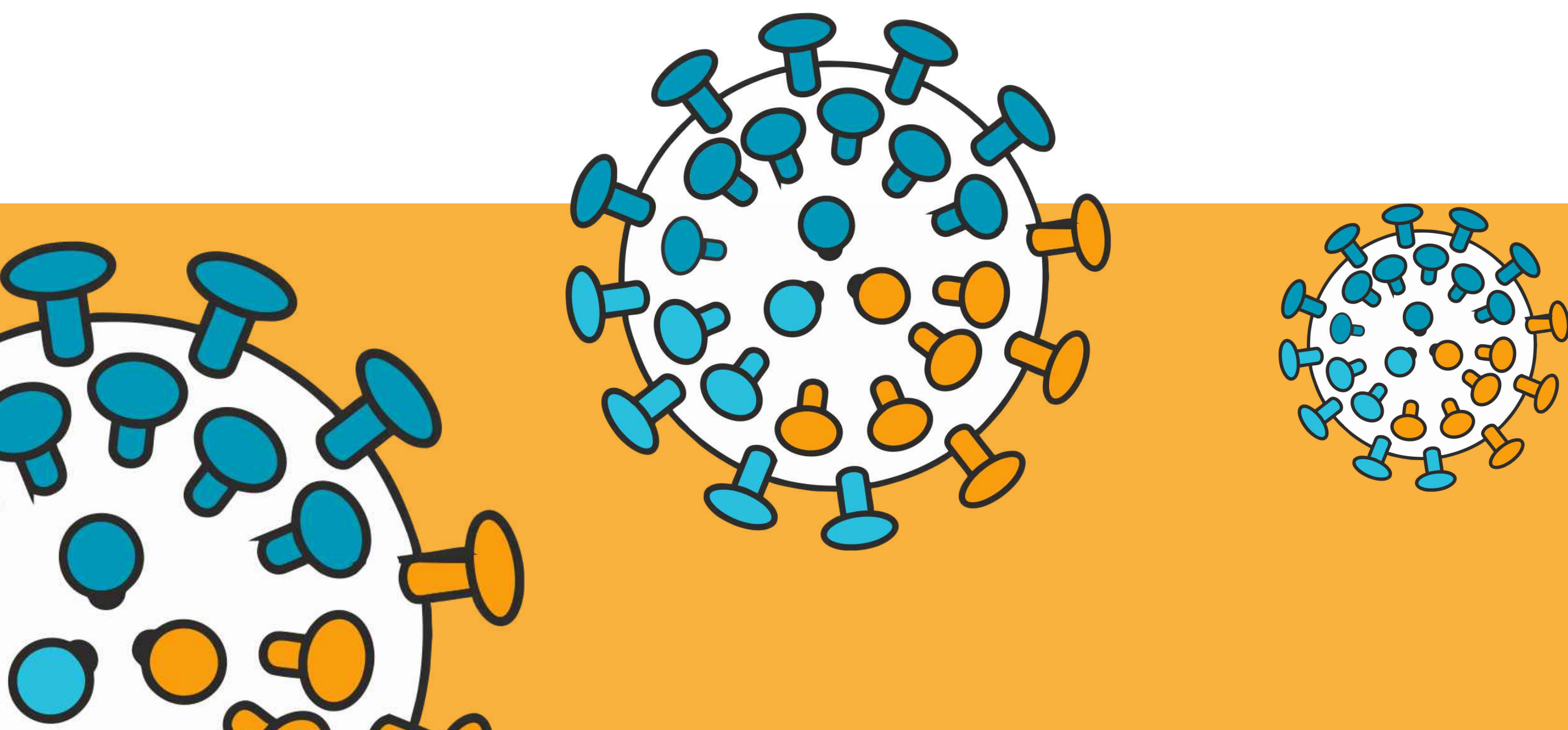


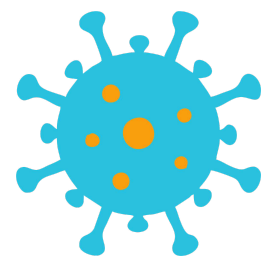


No contexto de crise se evidenciam e acrescentam as discriminações por xenoracismo, origem nacional e status migratório, afetando o acesso a alguns atendimentos de importância como saúde, assistência social, assistência em casos de violência contra as mulheres etc. No caso das migrantes encarceradas que fazem parte do grupo de risco da Covid-19, isso se manifesta no impedimento de saírem para o regime aberto (o que é concedido às mulheres brasileiras), por não terem endereço fixo.

Os impactos da pandemia são relevantes, desde o ponto de vista do comportamento do próprio objeto de estudo, seja na condução doravante do trabalho de pesquisa de campo em si.

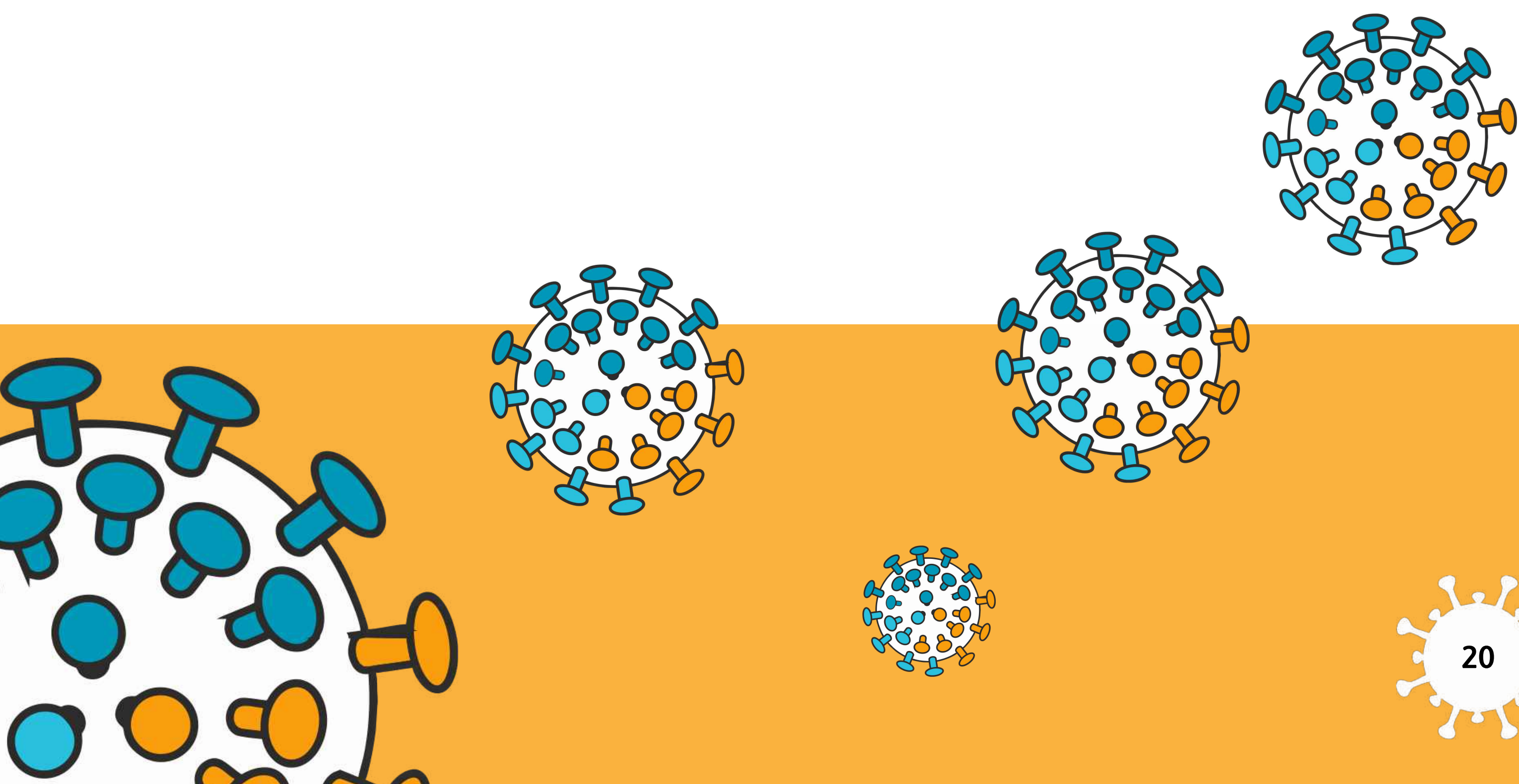
Não sabemos **que cicatrizes ficarão após esse período da pandemia**, além das perdas de vidas e do grande sofrimento daqueles que adoeceram ....

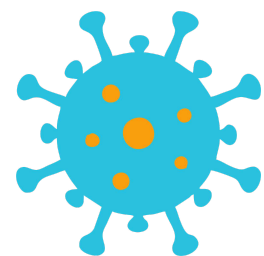




## E a participação? E a ação política?

Com o advento da pandemia da COVID-19, uma nova conjuntura se configura diante das incertezas vividas e da aceleração de estrutura de plataformas digitais que demandam novas formas de participação. Assim, levantamos algumas hipóteses possíveis, como: (i) restrições impostas por medidas sanitárias que podem afetar o desenho e o engajamento de atividades presenciais desses processos; (ii) demandas de diversas naturezas podem afetar o interesse da população, de estudantes, professores, comunidade escolar, em processos do gênero; (iii) os processos que estavam em curso podem ter um redesenho significativo na sua estratégia de envolvimento, capacitação e utilização em ferramentas cívicas digitais.

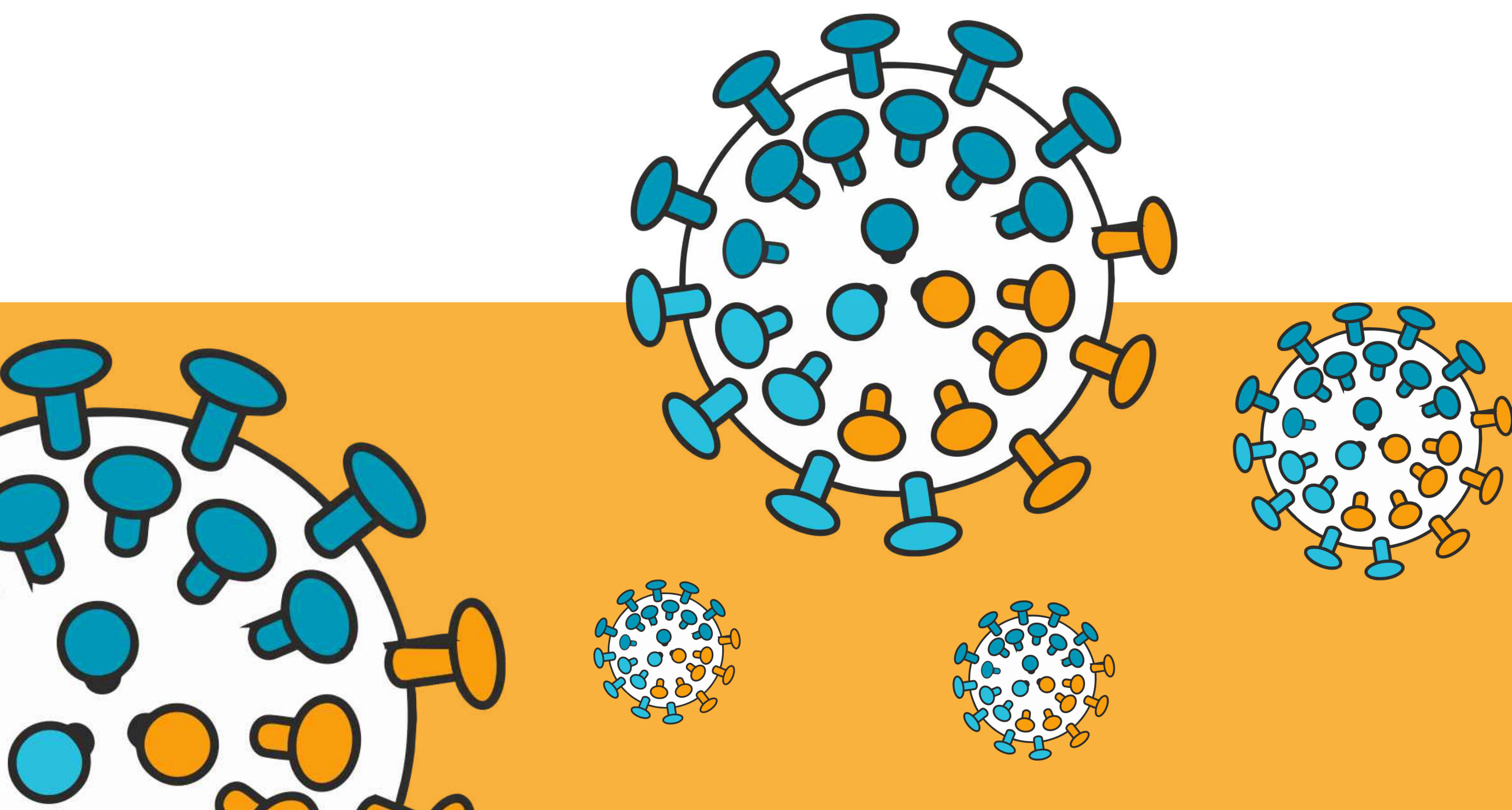


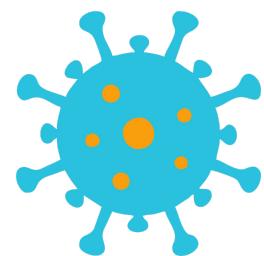


A pandemia da COVID 19 afeta todos esses grupos sociais, pois os mesmos que já vivem à margem da violação de seus direitos continuam sem ter nenhum respaldo do Estado e das grandes empresas, enquanto elas continuam suas atividades e projetos de expansão funcionando a todo vapor.

A sustentabilidade da vida humana somente é possível com um Estado forte, democrático e participativo, com políticas públicas universais e articuladas em todos os âmbitos da vida, com o compartilhamento dos cuidados.

A pandemia escancarou todo um quadro de vulnerabilidades e desigualdade social do país sem precedentes, principalmente dos corpos descartáveis... A ausência de políticas para essa população sempre foi um nó no país, e em meio a pandemia é urgente que seja repensada...

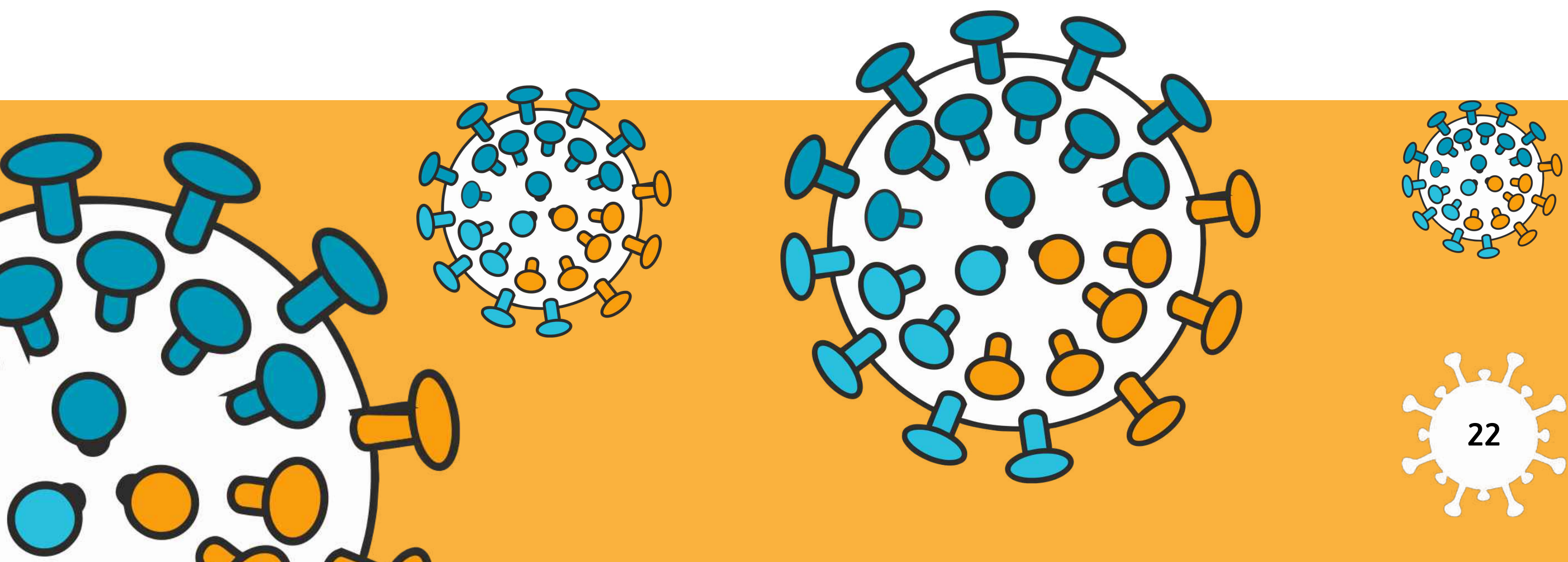




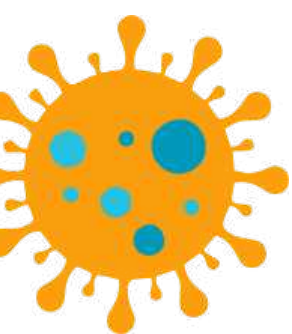
Em meio a tantas incertezas resta recorrer ao caminho proposto por Judith Butler: **impulsionar ainda mais as humanidades**, e quantas vezes for preciso.

## Portanto

**Ridículo é aquele que nunca escreveu uma carta de amor**, sugere o poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. Cartas de amor podem indicar muitos significados, e em tempos de Covid-19 a mensagem de despedida ao amor eterno expõe o lado cruel daqueles cujas vidas precárias estão sujeitas.







## O perigo da informação única

Em 2014, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi, durante uma conferência, alertou sobre "O perigo da história única", uma sociedade que ouve e se alimenta das mesmas fontes históricas, políticas e culturais corre um risco: do desconhecer a si e aos outros. Em um momento de pandemia, qual o perigo da história única?

Nesse momento em que parte das pessoas estão resguardadas na segurança de sua casa, outras se negam a respeitar a quarentena, e outros não podem ficar em casa por motivos diferentes: trabalho, falta de infraestrutura ou falta de moradia... O cotidiano se tornou uma avalanche de notícias e informações: às vezes difusas, muitas vezes confusas; que levam alguns a preocupação e à consciência de que o melhor a fazer é ficar em casa, outros preferem desacreditar da situação alarmante do sistema de saúde nesse cenário pandêmico e por isso: filas em mercados, churrascos e festas nos finais de semana se tornam recorrentes nas periferias e bairros de classe média.

Ter acesso à informação não nos torna uma sociedade informada, algumas vezes, beber na mesma fonte informacional, cria uma comunidade de pessoas desinformadas e esvaziadas. Em um cenário de guerra informacional: entre a verdade e a mentira, conhecer e acessar outras referências de jornalismo e construção da informação é uma arma importante nessa quarentena. Sites como Alma Preta, a Ponte Jornalismo, Agência Mural, The Intercept, Brasil de Fato, Nós Mulheres da Periferia, El País, Le Monde Diplomatique executam o papel de tensionar e preencher as lacunas que os grandes veículos de imprensa estão realizando.

A despeito dos jogos políticos que eclodiram durante essa crise pandêmica, os veículos acima possibilitam uma cobertura ampla em torno dos direitos humanos e o direito à vida, em um Estado negligente e genocida. Parafraseando Chimamanda, o perigo da informação única corrobora e perpetua uma sociedade conformada com ausências, mortes e vírus: do Covid ao presidencial.

### CONSULTAS REALIZADAS:

<https://almapreta.com/>

<https://ponte.org/>

<https://www.agenciamural.org.br/>

<http://nosmulheresdaperiferia.com.br/>

<https://coalizaonegrapordireitos.org.br/>

<https://theintercept.com/brasil/>

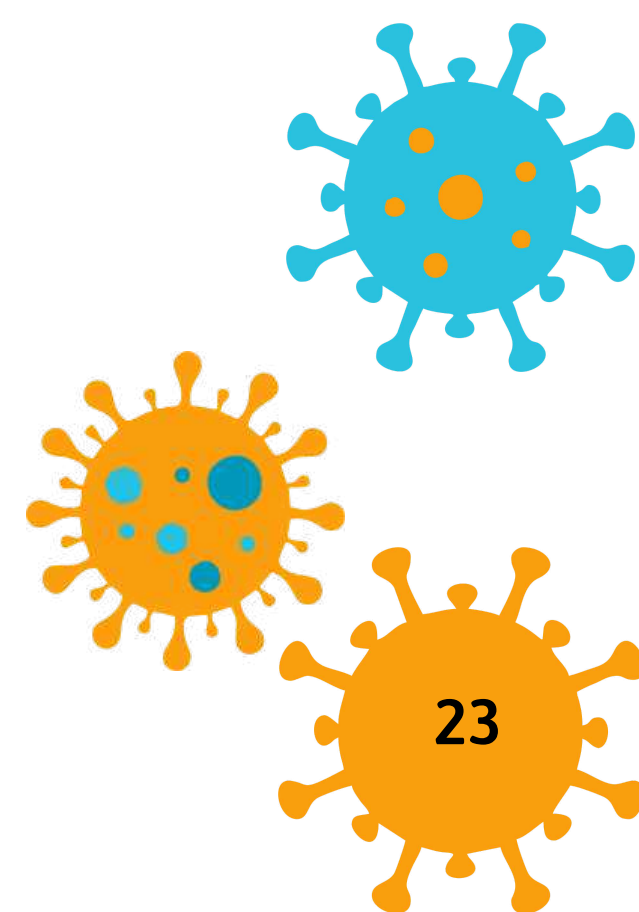
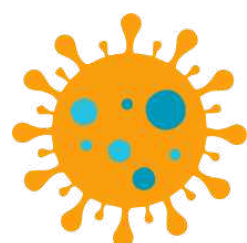
<https://brasil.elpais.com/>

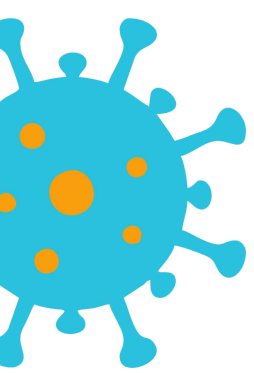
<https://diplomatique.org.br/>

<https://www.brasildefato.com.br/>

Conferência Chimamanda:

[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transc](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transc)





**Paula Caroline de Oliveira Souza | souzapaula@usp.br**

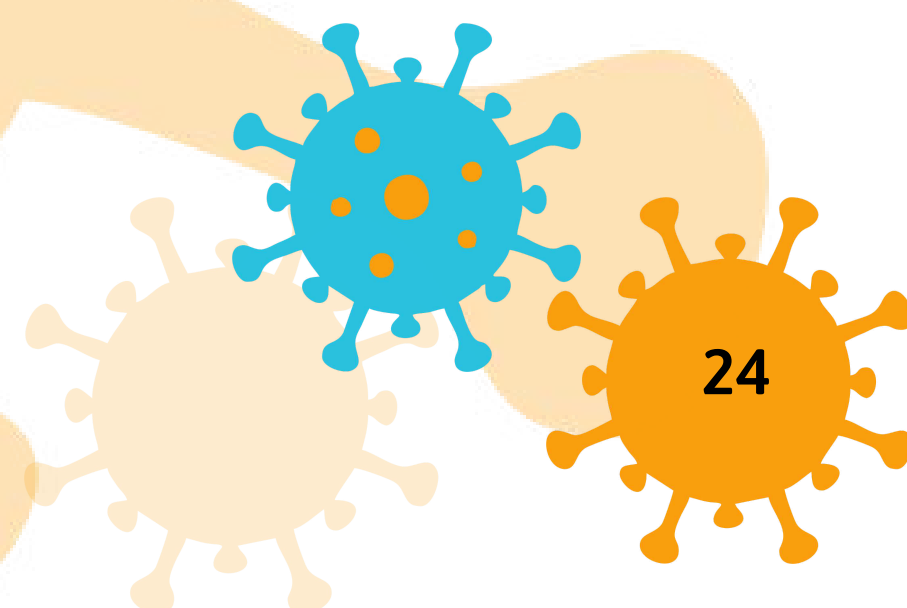
Inquietações, adequações, provocação. Algumas palavras identificadas durante a pesquisa após o avanço da pandemia referente à Covid19. Já era previsto o enfoque ao século XXI e o olhar às transformações sociais, mas não tamanha crise sanitária que marca bruscamente uma fase de mudanças sociais e desafios globais.

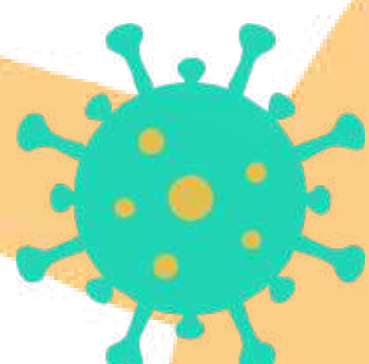
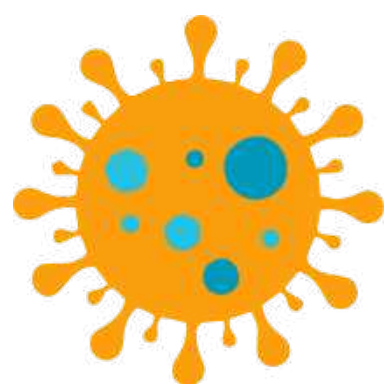
A pesquisa é pautada em lideranças de países ibero-americanos e no sentido de se organizarem em rede. E, a aproximação com pessoas e realidades da Europa e América Latina trouxeram os efeitos da pandemia antes mesmo do avanço dos casos no Brasil. Falamos de lideranças sociais, envolvidas em processos de participação, dinamização de atividades, atuantes nas diferentes “educações”, vinculadas a temas de desenvolvimento, política, cidadania, cultura com diversos grupos e iniciativas sociais.

Acessamos “lugares” de pessoas unidas pelo termo “animação sociocultural” – pautado na participação, autonomia e protagonismo dos sujeitos e comunidades em seu próprio processo de desenvolvimento - que têm sido provocadas a reinventar seus trabalhos, manter equipes, atuar nas localidades e, aprender com as inquietações em terem que descobrir algo “novo” sobre temas que lidam cotidianamente.

Vulnerabilidade, desigualdades, intolerância, pobreza, injustiças, descaso ambiental, falta de acessos, rotulações de grupos e cenários, concentração financeira, esperança. Nota-se movimento dessas lideranças em propor aproximação e colaboração a este conhecido emaranhado de questões. O que era urgente e faltava apoio, reconhecimento e investimento, agora é notícia global.

A rede continua a ser uma opção para manter e incentivar aos demais. Agora, mais conexões virtuais, na tentativa de visibilidade das práticas, compartilhar inquietações e criar pílulas dessa animação. Assim, empatia, flexibilidade, solidariedade e criatividade seguem sendo exploradas e necessárias para quem precisa buscar incentivos, apoio e inspiração para manter a esperança de um cenário otimista de transformação.

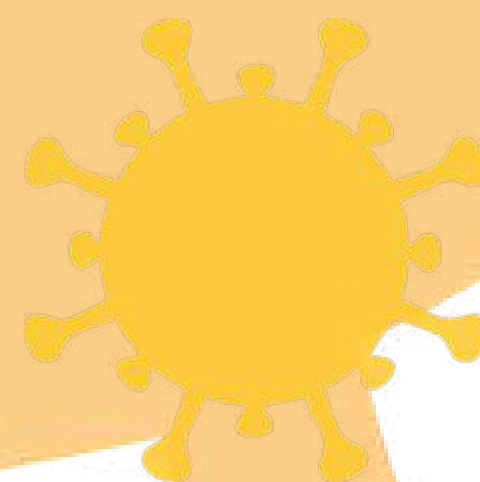
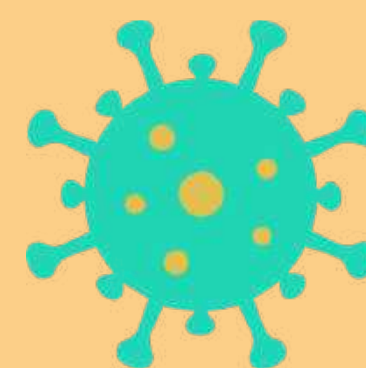


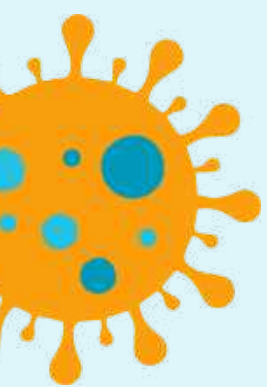
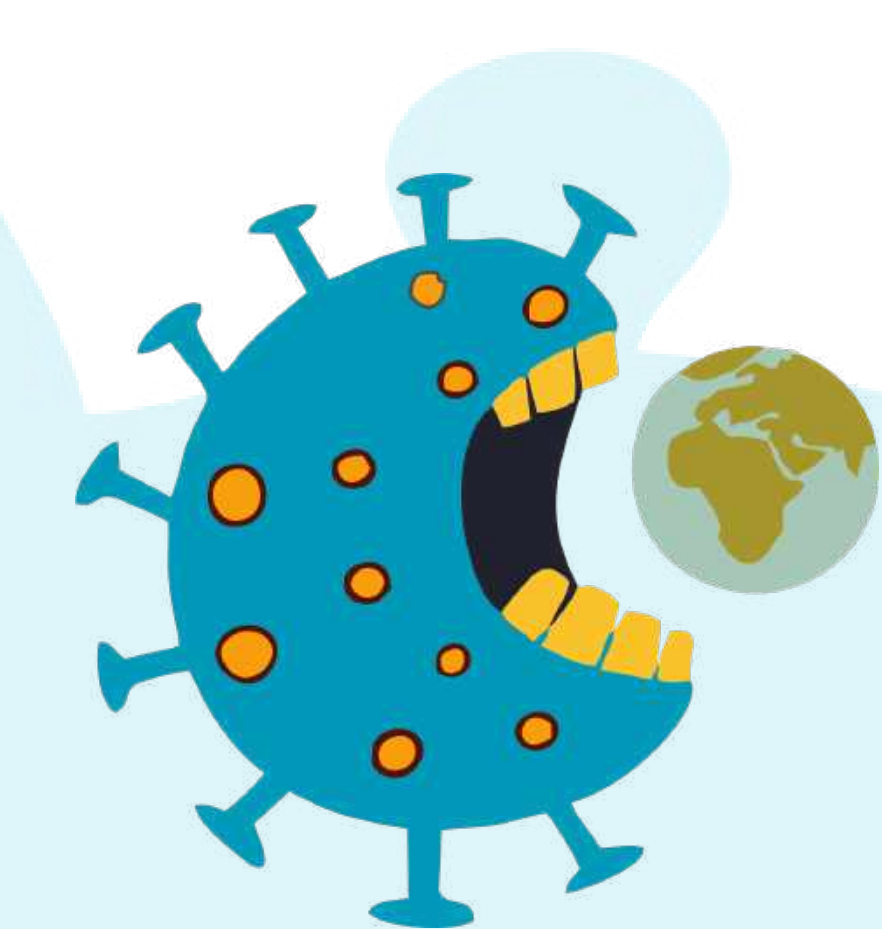


**Maria Carolina Casati Digiampietri**

**carolcasati@usp.br**

Estudei comunidades quilombolas na graduação e mestrado e a pandemia tem afetado a comercialização agrícola, a fonte de renda, a falta de assistência médica, falta de medidas para proteção, etc. No doutorado estudarei campesinato e políticas públicas. Eu poderia escrever sobre impacto da pandemia para a agricultura familiar e para comunidades quilombolas.

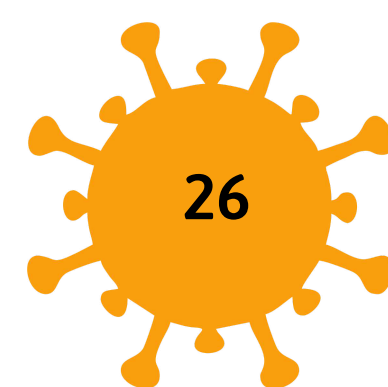
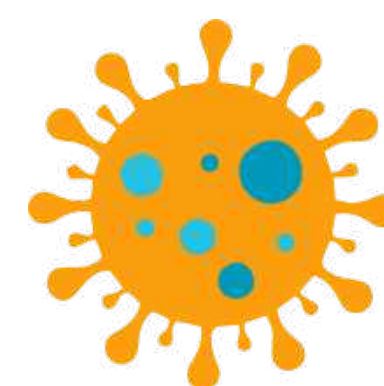


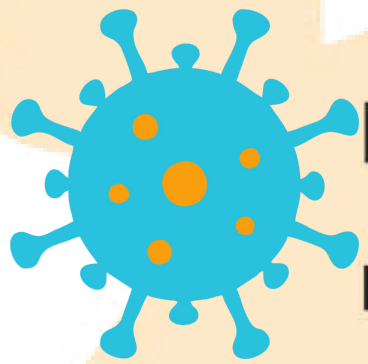


**Marcos Bernardino de Carvalho**  
mbcarvalho@usp.br

**COVID-19**

Em grande parte essa pandemia também decorre da produção socioespacial contemporânea e da economia de predação e pilhagem que a viabiliza. Ou seja, essa pandemia revela uma dimensão socioambiental crítica do padrão de acumulação estabelecido globalmente. Os desequilíbrios provocados por esse padrão, bem como a organização geopolítica que o sustenta e o viabiliza, devem ser considerados na explicação da pandemia. Tudo isso também não se faz e nem acontece sem o auxílio dos conhecimentos e das tecnologias, que proporcionam a predação e a pilhagem viabilizadas por essa economia-política que se assenhorou do mundo. Ou seja, há um conteúdo epistemológico que também aqui se revela na compreensão e investigação dessa crise. E esse conjunto de aspectos interessam aos temas principais que pesquisa e estudo.

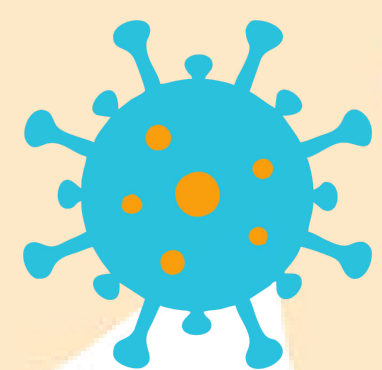




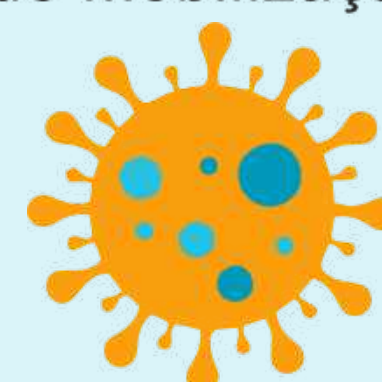
**Maria Eliza Mattosinho Bernardes**

**memberna@usp.br**

O que se vivencia na atualidade no campo da **educação básica e superior** é a expressão das contradições historicamente instituídas no Brasil e no mundo, oriundas das lutas de classes. No contexto da crise social atual, agravada pela pandemia da Covid - 19, evidenciam-se as muitas diferenças sociais que, de alguma forma, estavam naturalizadas ou veladas pela vida cotidiana que emerge da sociedade organizada a partir dos fundamentos do neoliberalismo. Faz-se necessário sistematizar uma crítica teórica sobre condições sociais emergentes e apontar caminhos para a sua superação. Tais caminhos pressupõem **o reconhecimento e valorização do trabalho docente** e a criação de **políticas públicas educacionais** que promovam melhores condições para a **formação de professores** e para o **ensino desenvolvido** para todos, nos diversos níveis educacionais.



Uma vez que a pesquisa se volta à investigação sobre as relações entre escola e democracia, política e educação e vices-versas, pelo ângulo do processo de gestão democrática da educação pública em Ilhabela/SP, os impactos da pandemia são relevantes, desde o ponto de vista do comportamento do próprio objeto de estudo, seja na condução doravante do trabalho de pesquisa de campo em si. Com efeito, no que tange ao primeiro aspecto, foi possível observar, no âmbito local, o papel da escola enquanto referência de equipamento público comunitário, seja para localização de famílias e pessoas em situação de vulnerabilidade para proteção social pelas políticas públicas de emergência, como também pelo fato de algumas servirem como ponto de entrega de mantimentos, cartão-alimentação e posto de vacinação contra a gripe, seja, principalmente, relativamente ao papel dos professores e professoras enquanto lideranças sociais em articulação com a comunidade (na ponta), atores sociais e instituições públicas para atendimento das demandas da população decorrentes das medidas de isolamento. Todos esses aspectos, assim como outros a serem perscrutados, dialogam com a relação da escola com a comunidade, que é um dos elementos essenciais a serem analisados quando se estuda o papel da escola na democracia. Quanto à condução da pesquisa, o impacto é avassalador. Em condições normais, a participação na gestão e vida escolar já é bastante dificultada, por uma série de condicionantes internos e externos, que são agravados com a pandemia, dos quais destacamos as condições materiais e sociais dos pais e alunos e a excessiva interferência política na escola. Os esforços são enormes para conseguir elaborar e lecionar as disciplinas comuns neste momento, o que se diga para estruturar e promover um conselho de escola ou uma eleição para a direção, atividades comunitárias, dentre outras. As decisões tendem a ser mais unilaterais. Por outro lado, o contexto pode gerar um maior engajamento e valorização da educação diante do recrudescimento das condições de vida. Nesse ponto, é valioso observar o processo de mobilização social para adiamento do ENEM.

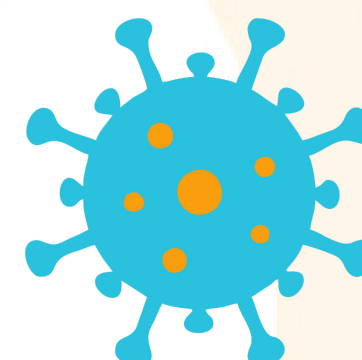




## Manoel dos Santos | kalilmanoel@usp.br

A pesquisa aborda a participação cidadã mediada por tecnologias cívicas com o foco no monitoramento de políticas públicas. Objetiva investigar como os processos de participação cidadã no monitoramento participativo e avaliação mediados por tecnologias que fortalecem a capacidade cívica para controle social na perspectiva da accountability societal para influenciar no desempenho de políticas e serviços públicos.

Partimos de iniciativas estudadas e capitaneadas por órgãos de controle, onde observamos que o grau de participação no processo de melhoria das políticas e serviços públicos pode ser diferente, dependendo do perfil dos atores, de como esse processo é feito, do impacto da incidência política nas campanhas de monitoramento. O ecossistema da participação é constituído por órgãos de controle, instituições executoras de políticas públicas e beneficiários. Há correlação de forças entre órgãos fiscalizadores e instituições executoras desses serviços, que são monitoradas, e cujo compromisso é prestar serviços de qualidade a sociedade. A presença de órgãos de controle, bem como o engajamento de atores no monitoramento participativo, pode promover legitimidade do processo. Isso depende de confiança nos agentes políticos e na efetividade dos mecanismos e expectativas de obtenção de resultados significativos nas políticas públicas. Com o advento da pandemia da COVID-19, uma nova conjuntura se configura diante das incertezas vividas e da aceleração de estrutura de plataformas digitais que demandam novas formas de participação. Assim, levantamos algumas hipóteses possíveis, como: (i) restrições impostas por medidas sanitárias que podem afetar o desenho e o engajamento de atividades presenciais desses processos; (ii) demandas de diversas naturezas podem afetar o interesse da população, de estudantes, professores, comunidade escolar, em processos do gênero; (iii) os processos que estavam em curso podem ter um redesenho significativo na sua estratégia de envolvimento, capacitação e utilização em ferramentas cívicas digitais. Pois, entendemos que a pandemia pode afetar de alguma forma o tema de nosso trabalho, na medida em que, os processos de participação no monitoramento participativo e avaliação, que podem ser presenciais, digitais ou híbridos, sofram transformações nas etapas de engajamento das campanhas de monitoramento participativo, comprometendo as estratégias de participação e a entrega dos serviços públicos, especialmente nas escolas públicas.



## Rafael Fernandes Rocha Damasceno | frocha30@usp.br

Atualmente no cenário brasileiro estamos cotidianamente assistindo ao aumento de mortes pela COVID-19 e as irresponsabilidades do Presidente da República que vai contra as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), e levando seus seguidores a “nadarem contra a maré”. Além disso, tem evidenciado também como essas irresponsabilidades tem afetado diversos campos e atuações pelo Brasil afora.

Desde 2018 com o congelamento de verbas, a Política de Assistência Social vem sofrendo um desmonte em todo o território. Serviços foram fechados e cortes de verbas reduzidos, contribuindo cada vez mais com o aumento da precarização dos trabalhadores que atuam na ponta onde ainda o Estado chega de forma ausente e violenta. Os trabalhadores terceirizados no município de São Paulo que prestam serviço através de instituições sociais para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – SMADS relatam o descaso e a exposição ao novo Covid-19. A falta de equipamento de proteção individual é um dos maiores fatores de risco, o que fez com que chegássemos a duas mortes até o momento de profissionais que atuavam com pessoas em situação de rua em São Paulo segundo o SINDESP\*.

Do outro lado da moeda os usuáries dos serviços da assistência social tem procurado esses espaços – gerando aglomerações – para buscar orientações sobre o auxílio emergencial, pois ainda temos uma parcela grande de pessoas nas periferias que não tem acesso à internet, e vão aos serviços mais próximos de suas casas para realizarem o cadastro. A procura também se dá pela falta de alimentos, uma vez que há mais de 50 dias de quarentena, a periferia que se ocupa a maior parte do tempo de trabalho informal, tem sofrido a demora da liberação do benefício. Gerando filas para solicitar Cestas Básicas como um “auxílio emergencial” diante dessa pandemia. Assim como tem aumentado algumas demandas como: aumento da violência doméstica, falta de material de higiene, falta de saneamento básico e etc.

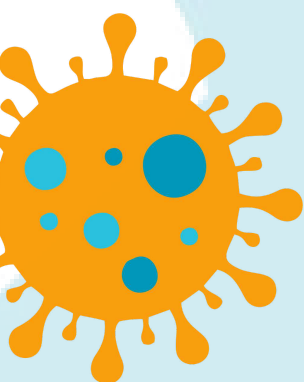
Reflexos de uma situação estrutural, que no período pandêmico o Estado tem dado o que mais souber dar ao longo desses tempos: o mínimo.

### CONSULTAS REALIZADAS:

<https://sindsep-sp.org.br/noticias/funcionalismo/mortes-de-trabalhadores-da-assistencia-social-da-prefeitura-de-sao-paulo-expoe-mas-condicoes-5455>

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/se-tem-um-lugar-no-brasil-onde-o-estado-minimo-existe-e-a-favela/>





**Aline Lis Ramos Pereira | alinelis@usp.br**

Desde a chegada do novo Corona vírus no Brasil, as orientações de higiene e limpeza são repetidas à exaustão. Mas para quem se destinam estas orientações? Lavar as mãos nunca foi tão importante, mas todos podem lavar as mãos?

O Conselho de Direitos Humanos da ONU, em sua resolução 24/18, reconheceu que para a realização do direito à água potável, o acesso deve ser físico e economicamente viável.

Em tempos de Covid-19 foi flagrante, através dos cadastros para o auxílio emergencial, a invisibilidade na qual viviam pessoas vulneráveis com cadastro de pessoa física (CPF) irregular. Quais trabalhos pessoas com cpf irregular acessam? Trabalhos informais, quando há trabalho; se estão com cpf irregular, ainda que constem no CADÚnico (cadastro que viabiliza o acesso a programas de transferência de renda para cidadãos em vulnerabilidade social), mesmo sendo possível realizar o cadastro sem um dos documentos o mesmo fica incompleto e inviabiliza o acesso aos programas de transferência de renda como o Bolsa Família, por exemplo.

Desta forma, como garantir que o cidadão mais vulnerável conseguirá pagar pelo acesso à água? Fatalmente, se não estiver em situação de rua, este cidadão pode morar em habitação que não possua estrutura para suportar caixa d'água e então, mesmo que conte com acesso à água potável, não conta com reservatório em caso da falta de abastecimento.

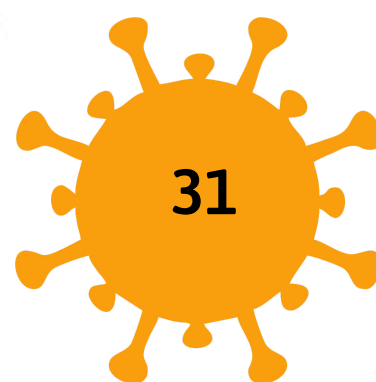
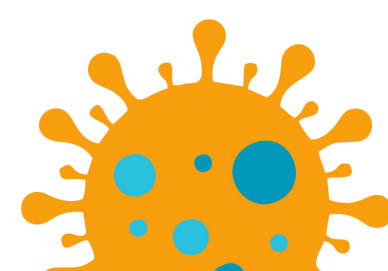
Em se tratando da ausência ou deficiência no acesso ao abastecimento de água potável, como garantir que famílias vulneráveis sigam os protocolos de higiene e limpeza necessários para conter a disseminação de Covid-19? Como o simples ato de lavar as mãos, higienizar as compras, roupas e calçados pode ser simples para pessoas que não acessam o básico para a manutenção da vida que é a água?

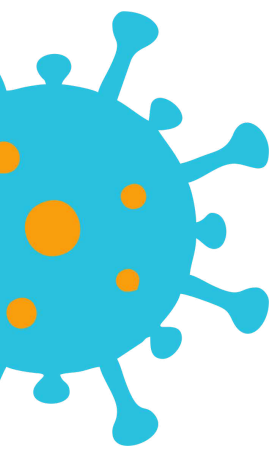
**CONSULTAS REALIZADAS:**

Revisão do marco dos direitos humanos à água, esgotamento sanitário e higiene. Padrões para avaliação de diferentes níveis e tipos de serviço do ponto de vista dos direitos humanos – <https://ondasbrasil.org/relatorios-sobre-direito-humano-a-agua-potavel-e-ao-esgotamento-sanitario-autor-leo-heller/>

<https://www.gov.br/pt-br/servicos/inscrever-se-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal>

<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/04/16/camara-aprova-destaque-para-permitir-o-pagamento-sem-cpf-regular.htm>





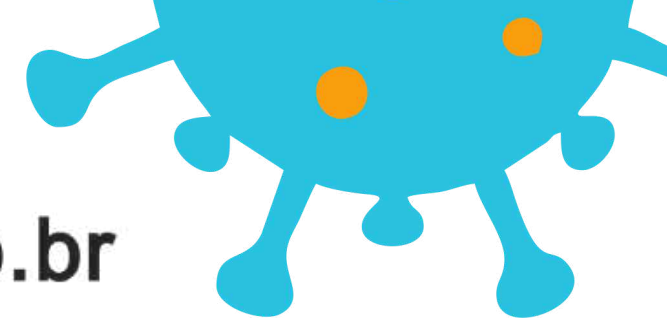
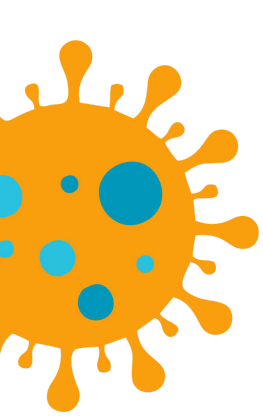
## Guilherme da Costa Meyer | guicmeyer@usp.br

A pandemia, além de uma questão de saúde, trata-se de uma questão social, que atinge grupos distintos de maneiras diferentes. De modo mais amplo, a crise atual explicita o aprofundamento das contradições do processo de acumulação capitalista, sendo que as tentativas do capital para superá-las baseiam-se na superexploração do trabalho e dos recursos naturais, assim como na adoção de medidas de austeridade e privatizações realizadas pelo Estado brasileiro, o que tem significado a retirada de recursos do sistema de proteção social e a perda de direitos conquistados (como o desmantelamento do sistema público de saúde).

Uma das dimensões mais visíveis das desigualdades estruturais da sociedade brasileira, reside no nosso modelo de urbanização. O problema das nossas cidades é que elas foram planejadas não com o objetivo de atender, primordialmente, às demandas das camadas mais pobres da população, mas de forma a favorecer que poucos grupos econômicos pudessem lucrar com tal modelo de crescimento urbano. Por meio das políticas públicas, a ação do Estado cria processos de valorização diferenciada do espaço urbano, destinando recursos públicos para áreas associadas à ação consciente dos empreendedores imobiliários e seus negócios. Esses empreendedores têm expulsado para periferias cada vez mais distantes a população que ocupa as áreas designadas como “degradadas”, as favelas, ocupações de edifícios, áreas de “risco”, favorecendo, constantemente, os setores imobiliários, as construtoras e as empresas de transporte.

A pandemia explicitou ainda mais os graves problemas enfrentados pelos moradores de favelas e das periferias no Brasil, (onde concentram-se a população negra e as menores médias de idade ao morrer, assim como as menores taxas do emprego formal). Como as pessoas que habitam imóveis superlotados e em áreas com uma infraestrutura urbana precária (incluindo o saneamento básico) e densamente povoadas, seguirão as recomendações sobre isolamento social e higiene? Uma grande parte dessa população vive com vários familiares no mesmo imóvel (coabitação), o que inviabiliza o isolamento na prática.

Em virtude do modelo de urbanização historicamente consolidado no Brasil, nos próximos meses haverá um crescimento dramático de vítimas da pandemia nas periferias e favelas de nossas metrópoles. Contudo, ainda que sua importância esteja mais evidente do que nunca, a questão urbana não tem a devida prioridade no debate público.



A realidade da pandemia escancarou a incompatibilidade entre projetos neoliberais e a dignidade da vida humana, assim como aprofundou os traços autoritários do atual governo federal. Quando o presidente nega a existência de um vírus que mobiliza o mundo todo, quando caçoa da imprensa dizendo e desdizendo, passa a centralizar apenas uma fonte de informação: ele próprio e seu partido (observemos que ele funda um partido, porque até mesmo o PSL já não serve a seu propósito). A negação da existência da ditadura militar é central em toda a construção de sentido proposta à sociedade brasileira. A deslegitimação do horror leva a relativização de todo tipo de violência.

Diante de suas ações, Bolsonaro sustenta o florescimento do ódio como afeto central da população brasileira. Esse é justamente seu trunfo. O desmantelamento da solidariedade, da compaixão, da esperança nos nutre de ódio. O ódio é oposto a elaboração, opera do lado do trauma e da repetição. Aqueles que sobreviveram à ditadura e tiveram que conviver com as injustiças da anistia, conservaram em si a busca pela memória e pela verdade como aspectos centrais de suas lutas.

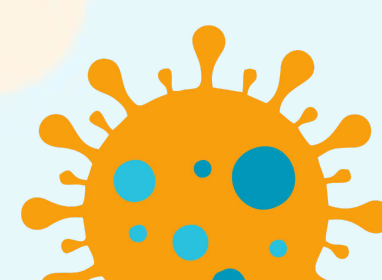
O negacionismo em relação ao vírus também reflete um projeto perverso revelado pelo recém divulgado vídeo da reunião ministerial: uma política neoliberal em que as vidas também são geridas pelas leis de mercado. Houve uma mudança no mapa do coronavírus no Brasil: no início da pandemia, em março, os casos da doença eram concentrados em bairros nobres, já a partir de abril há uma migração do vírus para as periferias. Questiona-se apenas a imediata correlação que tem sido feita entre os tipos de moradia e a proliferação do vírus. O LabCidade – Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade – aponta que a maioria dos mapas e notícias ignoram as proporções de população total dos bairros frente às vítimas, além de que regiões como Paraisópolis e São Rafael, caracterizadas como favelas, têm taxas muito baixas de mortos e contaminados. Sendo assim, há uma defesa para que se evite fazer leituras de mapas como se todas regiões periféricas fossem semelhantes ou como se esses fossem neutros. No momento, há apenas uma correlação comprovada: a ausência de leitos suficientes nessas regiões, ou seja, uma menor infraestrutura de UTIs hospitalares, o que coloca a população da região em vulnerabilidade maior. O problema da leitura dos mapas sem uma real análise dos territórios é a repetição de uma estigmatização das favelas e a adoção de estratégias equivocadas de enfrentamento à pandemia.

Precisamos, neste momento, reforçar a solidariedade e a esperança. Precisamos garantir memória e tempo de luto para aqueles que estão perdendo pessoas amadas sem poder nem sequer vê-las. Precisamos produzir informação de qualidade sobre a periferia, assim como garantir recursos para que as pessoas possam ficar em isolamento. Precisamos evidenciar que não é o vírus que seleciona as vítimas por raça. Precisamos valorizar a ciência e revelar os prejuízos da falta de investimento público dos últimos anos. Precisamos falar das mulheres que estão menos seguras dentro de suas casas e oferecer alternativas e serviços para o seu acolhimento.

Isso significa escolher um projeto de sociedade e Estado que nos contemple, pois a dignidade da vida e da morte estão ameaçadas por um projeto de ódio. Não é só o vírus que está matando, quem segue matando é o racismo, o machismo e a homofobia tão presentes no discurso de Bolsonaro.

#### CONSULTAS REALIZADAS:

Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (2020). Mapas do Coronavírus escondem informações recuperado de <http://www.labcidade.fau.usp.br/mapas-do-coronavirus-escondem-informacoes/> em 24 de maio de 2020.



**“Não se acende uma fogueira com lenha molhada”**  
**(Provérbio Yorubá)**

O programa fantástico da rede Globo exibiu em um de seus episódios um documentário filmado na Cidade Tiradentes, extremo leste de São Paulo onde leciono, mostrando como estavam durante a pandemia. Muitas pessoas negando a situação, outras já sentindo o gosto da crise batendo a porta. Na filmagem, o tom de pele da maioria das pessoas não causa surpresa, e os dados comprovam que 55,4% da população nessa região é negra, segundo a Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Paulo, deixando explícito que mesmo a situação sendo difícil para todos neste momento, para alguns é sempre pior.

Observei que apenas 10% dos meus alunos do primeiro ano do ensino fundamental I (crianças de 6 anos de idade e em processo de alfabetização), conseguiu acessar a plataforma disponibilizada para as aulas remotas, e isso sinaliza que tal oferta como forma de garantir o ano letivo e minimizar as perdas na aprendizagem não terão muito sucesso, pois temos uma questão estrutural permeando todas as dificuldades na vida dos estudantes. Questões que estão há muito tempo massacrando as periferias e conseqüentemente a população negra. Temos resquícios da colonização até hoje, que impedem que as oportunidades cheguem a todos da mesma maneira.

A pandemia só escancara os marcadores sociais de diferença, e como é desonesto analisar todo esse cenário sem uma perspectiva histórica e racial. Não podemos naturalizar as desigualdades e compactuar com o discurso meritocrático que contribui para a perpetuação das diferenças, que consolida o projeto do Estado em manter a hegemonia.

**CONSULTAS REALIZADAS:**

<https://www.youtube.com/watch?v=KyZF2dgdLt4> (realidade da Cidade Tiradentes)

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/05/sem-internet-merenda-e-lugar-para-estudar-veja-obstaculos-do-ensino-a-distancia-na-rede-publica-durante-a-pandemia-de-covid-19.ghtml> (dificuldades da maioria dos alunos das escolas públicas durante a pandemia)

<https://ceert.org.br/noticias/dados-estatisticas/9503/levantamento-mostra-distribuicao-da-populacao-negra-em-sao-paulo> (distribuição da população negra em São Paulo)

## Pandemia - Covid19: democrática? |

### Como estão as pessoas que vivem com doença falciforme

Viver com doença falciforme no Brasil é um desafio constante, seja por conta das diversas complicações clínicas decorrentes da doença, pelo sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e falta de políticas públicas, atrelados principalmente ao racismo institucional arraigado e estruturado em nossas sociedades contemporâneas. Esta doença é uma enfermidade genética e hereditária, que comumente afeta a população negra. Sendo uma condição crônica, ocasiona direta ou indiretamente manifestações clínicas em diversos graus de intensidade, complexidade e letalidade em fases agudas e crônicas.

Assim, em meio a pandemia, o distanciamento social é essencial na proteção das pessoas nesta condição, haja vista que grande parcela desta população tem seu sistema imunológico frágil, subordinadas a desafios cotidianos, o que resulta em uma população vulnerável e negligenciada. A dificuldade em permanecer em um emprego formal e o direito a benefícios econômicos e ou emocionais, antes mesmo da pandemia eram fatores de difícil acesso, seja por conta das complicações que a doença ocasiona e as dificuldades nas atividades cotidianas como permanência escolar ou profissional, são agravadas no esforço para realizar os tratamentos.

Com a pandemia podemos notar que se intensifica a dificuldade profissional e de autocuidado, sendo este apenas um complicador em toda situação. Ainda como uma das consequências de vivermos em uma sociedade também estruturada no patriarcado, inúmeras vezes o ato de cuidar recai sobre as mulheres e quando tratamos de pessoas com doença falciforme isso não é diferente. Existem relatos de mães que enfrentam diversas dificuldades para se inscreverem e receberem benefícios do Estado, entre eles o programa de Auxílio Emergencial, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço Emergencial ou Cartão Alimentação. Sendo mais um obstáculo as crianças e famílias que têm dificuldades para manter a alimentação adequada que auxilie paulatinamente no tratamento da doença, ainda mais em tempos de aulas remotas e sem merenda escolar.

Destacamos também que houve redução nas doações de sangue durante a pandemia, gerando uma escassez das transfusões, que servem como um dos tratamentos a doença, além da dificuldade de acesso aos equipamentos de saúde, refletindo na situação de saúde daquelas e daqueles que precisam das transfusões.

A pandemia agrava as fragilidades de grupos sociais como as pessoas que vivem com a doença falciforme, ou aqueles que em outras condições são afetados no recorte de classe, gênero e raça que necessitam de forma intermitente de políticas públicas de saúde. Toda a desigualdade que sempre existiu no Brasil é escancarada neste período, fazendo com que grupos sociais em detrimento a outros sofram mais com o agravante da própria doença.

Em tempos de COVID19 o cenário que já não é favorável afeta aqueles que já viviam em situações de vulnerabilidade, expostos a situações desfavoráveis socialmente e de bem estar, muitas vezes impedidos de auto cuidar de sua condição de vida aumentando as situações de risco para o grupo. A maior faceta desta pandemia é que o vírus de forma horizontal pode ser transmitido a qualquer pessoa, mas ele não se apresenta democraticamente, pois diante das desigualdades causadas ele é apenas mais uma cortina de fumaça no extermínio de parcelas da população.

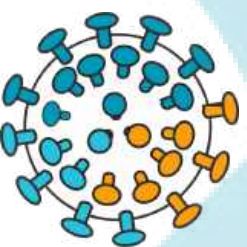
#### CONSULTAS REALIZADAS:

Ágora da Abrasco discute avanço da pandemia de Covid-19 em regiões vulneráveis. BAOBÁ - FUNDO PARA EQUIDADE RACIAL. Disponível em: <<https://baoba.org.br/agora-da-abrasco-discute-avanco-da-pandemia-de-covid-19-em-regioes-vulneraveis/>>. Acesso em: 01 jun 2020.

Aula Aberta "Desigualdades Sociais, Saúde e o COVID-19". Pagu-Unicamp e NUMAS-USP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gclypHsy1QQ>>. Acesso em: 06 maio 2020.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Síntese de evidências para políticas de saúde: melhorando o cuidado de adolescentes com doença falciforme. Brasília, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Tereza\\_Toma/publication/314140608\\_Sintese\\_de\\_evidencias\\_para\\_politicas\\_de\\_saude\\_melhorando\\_o\\_cuidado\\_de\\_adolescentes\\_com\\_doenca\\_falciforme/links/58b6e5f5a6fdcc2d14d6e695/Sintese-de-evidencias-para-politicas-de-saude-melhorando-o-cuidado-de-adolescentes-com-doenca-falciforme.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Tereza_Toma/publication/314140608_Sintese_de_evidencias_para_politicas_de_saude_melhorando_o_cuidado_de_adolescentes_com_doenca_falciforme/links/58b6e5f5a6fdcc2d14d6e695/Sintese-de-evidencias-para-politicas-de-saude-melhorando-o-cuidado-de-adolescentes-com-doenca-falciforme.pdf)>. Acesso em: 01 jun 2020.

Hemorio e Inca buscam estratégias para contornar queda de doadores de sangue durante a pandemia. G1 Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/30/hemorio-e-inca-buscam-estrategias-para-contornar-queda-de-doadores-de-sangue-durante-a-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 01 jun 2020.



**Laura Juliana de Melo Silva | [laura.juliana.silva@usp.br](mailto:laura.juliana.silva@usp.br)**

As pessoas com deficiência já fazem parte de um grupo vulnerável no Brasil em termos de desigualdade social, de limitação de acesso e alvo de ações discriminatórias, condições que apenas se agravam na situação de pandemia em que vivemos. O fator deficiência é um recorte social transversal a outros como pobreza, raça e gênero, que combinados podem colocar (e colocam) a pessoa em uma situação de invisibilidade.

As famílias especificamente pesquisadas no trabalho em desenvolvimento, acerca do lazer e participação social, estão em um grupo duplamente vulnerável, pois trata-se de adultos com deficiência, cujos pais necessariamente são idosos. Assim sendo, são praticamente famílias inteiras nos chamados grupos de risco da COVID 19. Muitas dessas famílias fazem uso de algum serviço público ou privado de terapias e/ou atividades socioculturais, educativas e esportivas para as pessoas com deficiência, serviços esses prejudicados com a crise sanitária deflagrada.

Desde o dia 14 de março todos os centros esportivos municipais encontram-se fechados, e no decorrer da semana subsequente, todas as atividades coletivas de lazer, socioculturais e físico-esportivas foram gradativamente suprimidas com o fechamento dos espaços a elas destinados. Diante de tal situação, as atividades realizadas por todas as associações de pessoas com deficiência foram canceladas. Ainda não há previsão de retorno dessas atividades, pois como podemos acompanhar nos meios de comunicação e na comunidade científica nacionais e internacionais, estamos em uma crise sanitária na qual o rumo depende de uma série de fatores, alguns deles sem previsão de tempo para retorno.

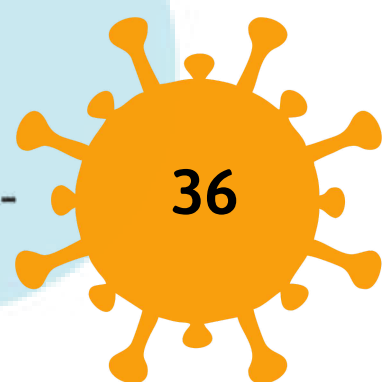
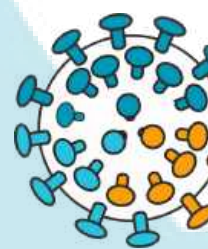
Tem-se falado muito da importância das atividades de lazer, cultura e esporte nesse período de pandemia para a manutenção da saúde física e mental dos indivíduos, entretanto no que tange a pessoa com deficiência essa discussão ainda está restrita e centrada em alguns grupos e instituições do terceiro setor, uma vez que as políticas e serviços públicos para as pessoas com deficiência estão focadas nesse momento no acesso à informação e proteção das pessoas com deficiência frente ao coronavírus. Sendo assim, diante de tamanha crise, as pessoas com deficiência ficam ainda mais desamparadas, e as atividades socioculturais em geral ficam em segundo plano na vida dessas pessoas, diante de tamanha limitação de acesso a direitos fundamentais.

**CONSULTAS REALIZADAS:**

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa\\_com\\_deficiencia/noticias/?p=295791](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa_com_deficiencia/noticias/?p=295791)

<https://www.apabb.org.br/o-que-fazemos/apabb-na-sua-casa.html>

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/04/4-pessoas-com-deficiencia-relatam-a-rotina-nos-tempos-de-covid-19-preciso-tocar-nas-coisas-e-nas-pessoas-para-me-situar.ghtml>





**Emerson Silva Meneses | [emerson.meneses@usp.br](mailto:emerson.meneses@usp.br)**

Meu estudo é com a população trans e travesti da cidade de São Paulo. Esta população está sendo afetada pela pandemia drasticamente. Em sua maioria composta por pessoas negras, moradoras da periferia, profissionais do sexo, trans e travestis que não conseguem trabalhar neste momento. Outras vivem de empregos precarizados sendo exploradas por estarem numa situação de vulnerabilidade.

Desde o início da pandemia percebe-se um recrudescimento da precarização das existências trans e travestis. De acordo com a ANTRA, houve um aumento de 13% no número de assassinatos de pessoas trans no Brasil entre os meses de março e abril em relação ao mesmo período de 2019.

Importante salientar que uma parcela grande desta população sequer terá acesso às ações emergenciais de apoio oferecidas pelo governo.

Em contrapartida, artistas da comunidade LGBTQ+, que estão no escopo de minha pesquisa, se articularam, por meio de iniciativas de ONGs geridas por esta comunidade para criar redes de afetos, e têm conseguido lutar pela causa de pessoas LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade oferecendo o auxílio para a sobrevivência em meio ao caos instaurado. Organizações civis de ações socioculturais com foco em artistas transvestigêneres têm recebido colaborações que permitiram a doação de cestas básicas para parte desta comunidade. Casas de apoio a pessoas LGBTQ+ vêm trabalhando intensamente, desde a paralisação de atividades do estado de São Paulo, para levar assistência tanto aos membros da comunidade quanto aos seus familiares. Shows estão sendo oferecidos como forma de arrecadação de dinheiro a ser destinado ao apoio de travestis e pessoas trans.

Uma resposta pensada de e para a comunidade que luta contra a constante tentativa de apagamento de suas existências.

A pandemia passa, a violência não!

No dia 28 de abril, de 2020, a travesti Lorys Verônica Ciccone escreveu a seguinte postagem em sua rede social:

“Sabe essa vulnerabilidade? Sabe esse sentimento de abandono? Sabe esse isolamento social? Sabe esse medo de sair de casa? Sabe esse receio de que a qualquer momento algo ruim pode acontecer? Sabe esse sentimento de impotência? Pois é, não é vitimismo isso tudo nós mulheres travestis sentimos a muito tempo, é difícil lidar, aceitar e viver, mas nós aprendemos. Nenhuma novidade pra nós. A gente já #Ficavaemcasa muitas vezes com vontade de sair, porém com medo de irenãovoltar. Hoje isso é por causa de uma pandemia, coronavírus. Vivemos assim durante décadas e devido a outra pandemia, tão cruel e letal quanto. O preconceito, violência e impunidade. O coronavírus vai passar já a outra infelizmente vai continuar.”<sup>1</sup>

Lorys fala do isolamento social que a população trans vivência há muitos anos. Esse distanciamento, que sempre excluiu travestis, mulheres transexuais e homens trans de inúmeros espaços públicos e coletivos, escancarou de vez em tempos de pandemia, ante a ausência de políticas públicas no Brasil de proteção e promoção da igualdade de gênero. Essa preocupação está evidente na fala de Bruna Benevides, Secretária Nacional da Antra, Associação Nacional de Travestis e Transexuais: “A precarização de determinada parcela da população faz parte de um plano global genocida para exterminar vidas que enfrentam processos históricos de vulnerabilização, a fim de cumprir o plano de defesa da propriedade privada de uma casta superior pautada na branquitude empresarial...”.

O Boletim nº 2 da Antra registrou que nos dois primeiros meses do ano de 2020, houve um aumento de 90 % dos casos de assassinatos em relação ao ano anterior. Entre 01/01 e 28/02/2020 foram registradas 38 notificações, contra 20 do mesmo período de 2019. Em relação ao quadrimestre de 2019, houve um aumento de 48% de aumento nos assassinatos.

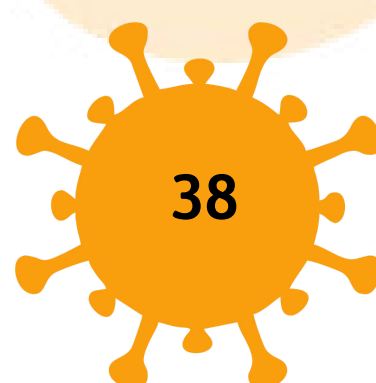
A angústia de Lorys não é em vão, pois os dados estão aí para revelar a precariedade das vidas trans. O vírus da pandemia pode não discriminar quanto ao contágio, mas expõe ainda mais a vulnerabilidade daqueles já ameaçados pelo direito à vida.

CONSULTAS REALIZADAS:

BENEVIDES, Bruna, 2020. Nova Pandemia, Velhas Mazelas2. Disponível em <https://medium.com/@brunagbenevides/nova-epidemia-velhas-mazelas-5a320a622a0c> acesso 09 de maio de 2020.

<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/05/boletim-2-2020-assassinatos-antra.pdf>

1. <https://www.facebook.com/LorysVeronicaCiccone/posts/10219460670060411>





A pandemia afeta duplamente meu estudo pois trabalho duas populações vulneráveis: pessoas mais velhas incluindo mulheres trans.

Nesse tempo da pandemia pela COVID-19 tantas mazelas do relacionamento humano têm emergido que não foi tarefa complexa relacioná-las com o meu objeto de estudo. Dentro desse contexto de vulnerabilidades sociais, em todas as listas dos candidatos a desenvolverem formas graves da doença, ou efeitos negativos do isolamento social, os velhos estão em primeiro lugar.

E os membros da comunidade LGBTQIA+ também enfrentam, no decorrer da pandemia o recrudescimento das suas vulnerabilidades. Este segmento carrega uma história fortemente marcado por estigma e discriminação, que se ampliou no decorrer da aids, mostrando as interfaces entre a pandemia e o preconceito. Os possíveis e deletérios efeitos da atual pandemia também poderão ser registrados ao longo do tempo

Em relação à COVID-19 encontrei uma pesquisa onde aparece que esse foi o público mais afetado pelo isolamento social com um índice muito alto, 28% dos entrevistados com sintomas de depressão, taxa quatro vezes maior do que a população em geral. Outro dado da pesquisa é o aumento no número de desempregados nesse período, sendo que as condições prévias já não eram razoáveis, agora então tudo se torna mais relevante.

As pessoas idosas não fugiram da estigmatização que se revelou durante a pandemia, nesse caso, em função da sua idade. Ao considerarem que as pessoas mais velhas seriam as maiores vítimas da COVID-19, ou seja, seria a “gripe mata-velho”, mesmo para aquelas que não apresentavam patologias, como o Diabetes Mellitus tipo 2 e as doenças respiratórias, dois fenômenos aconteceram: as pessoas das demais faixas etárias se sentiram imunes à contaminação e as pessoas velhas se tornaram alvo de um enorme controle social sob a forma de proteção, que desconsiderou sua capacidade de entendimento de julgamento e de decisão. Além disso, serviram de chacota por meio de memes -de muito mal gosto- que os colocaram em situações ridículas perante os demais. Para citar alguns exemplos, havia um meme que anunciava a venda de uma gaiola para prender idoso teimoso, onde aparecia uma velha segurando nas grades, outro era o caminhão “cata-véio”, que passava com um alto-falante; outro ainda trazia um cartaz oferecendo recompensa para quem capturasse um velho, sendo que o valor da recompensa aumentaria se o velho oferecesse resistência, ou batesse na pessoa com uma bengala; outro cartaz ainda, ameaçava os velhos para que não saíssem à rua, pois o carro preto viria pegá-los para fazer sabão, numa alusão à antiga carrocinha que pegava os cães abandonados.

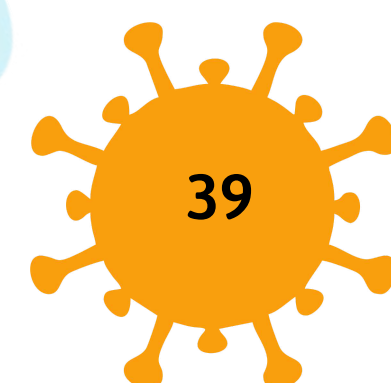
No caso das pessoas mais velhas um fato importante a ser citado foi que a idade passou a ser mais fatal do que as doenças que eram os verdadeiros fatores de risco, ao invés de ser um dos fatores, ou o último na escala de periculosidade. Daí foi um passo para segregar o velho, bani-lo das vias públicas e roubar-lhe a autonomia, agindo por ele, em nome de uma suposta proteção, quando bastava trabalhar com informação de qualidade e orientação de cuidados para torná-lo partícipe das decisões.

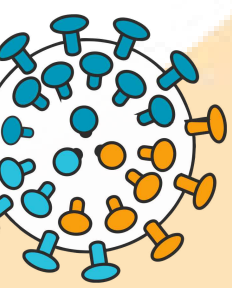
Não sabemos que cicatrizes ficarão após esse período da pandemia, além das perdas de vidas e do grande sofrimento daqueles que adoeceram mas não foram a óbito. Há uma linha de pensamento dos mais otimistas que imaginam que sairemos seres humanos melhores, que valorizaremos mais a vida e as pessoas, mas em minha visão levará muito tempo para superarmos as sequelas dos rancores, dos preconceitos e da falta de empatia que estamos vivenciando durante o decorrer desse processo.

#### CONSULTAS REALIZADAS:

Estudo mostra que coronavírus sacrifica mais a comunidade LGBT. Disponível em [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/17/interna\\_gerais,1148046/estudo-mostra-que-coronavirus-sacrifica-mais-a-comunidade-lgbt.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/17/interna_gerais,1148046/estudo-mostra-que-coronavirus-sacrifica-mais-a-comunidade-lgbt.shtml). Acesso em 30-05-2020.

A proteção das pessoas idosas e a pandemia do covid-19: os riscos de uma política de "limpa-velhos". Disponível em: [www.migalhas.com.br](http://www.migalhas.com.br). Acesso em: 04-06-2020.





**Corina Evelin Demarchi Villalón | coridemarchi@usp.br**

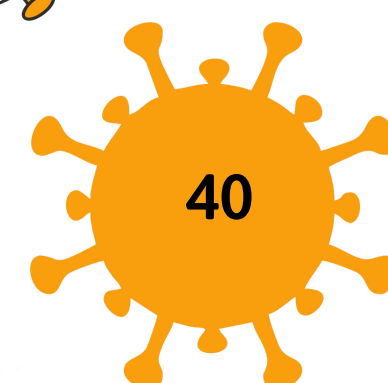
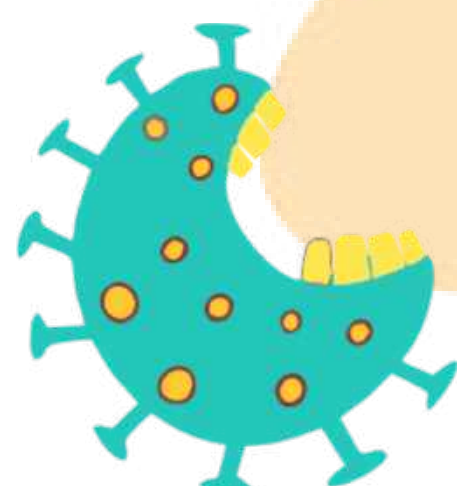
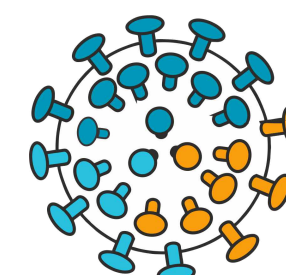
As mulheres imigrantes estão sendo afetadas de diversas maneiras durante a pandemia. Na sua maioria as mulheres imigrantes estão inseridas no mercado de trabalho informal. Dessa maneira, ou perderam suas fontes de ingresso com a quarentena obrigatória ou devem continuar trabalhando e se expondo a possibilidade de contágio. Além disso, muitas não têm acesso à informação sobre prevenção e cuidados com o Coronavírus (já que poucas informações oficiais são traduzidas a outras línguas), nem sobre acesso ao Auxílio Emergencial ou outros auxílios.

Nesse contexto de crise se evidenciam e acrescentam as discriminações por xenoracismo, origem nacional e status migratório, afetando o acesso a alguns atendimentos de importância como saúde, assistência social, assistência em casos de violência contra as mulheres, etc. No caso das migrantes encarceradas que fazem parte do grupo de risco da Covid-19, isso se manifesta no impedimento de saírem para o regime aberto (o que é concedido às mulheres brasileiras), por não terem endereço fixo.

No âmbito interpessoal, com o isolamento muitas delas têm perdido o contato com redes de apoio que, no caso das migrantes, não são necessariamente familiares (fraternidades, grupos de música, dança, coletivos, centros de apoio, inclusive espaços de confraternização), o que pode afetá-las emocional e psicologicamente.

A pandemia também está produzindo algumas modificações nos fluxos migratórios (como movimentos de regresso aos países de origem). Todavia, muitas fronteiras nacionais têm sido fechadas e os trâmites migratórios têm sido suspensos. Tal fechamento coloca as migrantes em situações de risco nas zonas de fronteiras devido à aglomeração, falta de condições de higiene, falta de alimentos, etc.

No entanto, é importante destacar as ações de coletivos e organizações de/para imigrantes que estão realizando atividades de apoio, tais como: doação de cestas básicas, tradução e divulgação de informação, orientação para a obtenção de auxílios, apoio emocional e psicológico, campanha de regularização migratória, entre outras.



## Covid-19 evidencia as desigualdades na vida das mulheres rurais

A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) e as medidas de prevenção trazem desafios ao mundo inteiro. Mas impacta diretamente nas mulheres a necessidade de isolamento social, que trouxe o trabalho produtivo convivendo com o trabalho doméstico e de cuidados.

No rural essa convivência sempre se fez presente no dia a dia. Mesmo as mulheres rurais sendo responsáveis por mais da metade da produção de alimentos do mundo, serem elas que exercem o importante papel na preservação da biodiversidade e na garantia da soberania e a segurança alimentar ao se dedicar a produzir alimentos saudáveis. De forma rotineira nas unidades familiares, são elas as responsáveis pela maior parte do trabalho não remunerado, já que ficam à frente dos cuidados dentro de suas casas, dos filhos e dos afazeres domésticos.

Com as políticas de restrições sociais pela pandemia, acaba por esvaziar os espaços coletivos das mulheres. O fato da suspensão das aulas, as crianças em casa e os cuidados redobrados com os idosos, acabam tirando as mulheres do espaço de comercialização e organização. O que torna mais evidente a divisão sexual do trabalho e deixa amostra um sistema capitalista e patriarcal, essa engrenagem evidencia que a luta das mulheres rurais e urbanas devem ser de transformações estruturais.

A sustentabilidade da vida humana somente é possível com um Estado forte, democrático e participativo, com políticas públicas universais e articuladas em todos os âmbitos da vida, com o compartilhamento dos cuidados.



**Venícios Oliveira Alves | [venicios009@usp.br](mailto:venicios009@usp.br)**

Fiz minha pesquisa de mestrado sobre os atingidos pela barragem de Itapebi no município de Salto da Divisa - MG. Infelizmente, além dos grandes latifúndios e as violações de direitos humanos vivenciadas por esses atingidos, agora, a população sofre com a expansão da extração do minério pela empresa Nacional de Grafite que expulsou famílias tradicionais que viviam na Comunidade Tradicional, Agroextrativista e Artesã Cabeceira do Piabanha. As ações coletivas empreendidas pelos atingidos da barragem de Itapebi foram importantes para a criação dessa comunidade e outras organizações de luta e resistência na localidade, a exemplo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), a Comunidade Quilombolas Braço Forte, entre outras. Estou iniciando o doutorado e pretendo continuar pesquisando esses grupos de resistência em Salto da Divisa-MG. Por fim, a pandemia do COVID 19 afeta todos esses grupos sociais, pois os mesmos que já vivem a margem da violação de seus direitos continuam sem ter nenhum respaldo do Estado e das grandes empresas, enquanto elas continuam suas atividades e projetos de expansão funcionando a todo vapor.

## Cartas atrás dos muros e a despedida da liberdade privada em tempos de Covid-19

Ridículo é aquele que nunca escreveu uma carta de amor, sugere o poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. Cartas de amor podem indicar muitos significados, e em tempos de Covid-19, a mensagem de despedida ao amor eterno expõe o lado cruel daqueles cujas vidas precárias estão sujeitas. “Até suas brigas estão fazendo falta. Te amo, te amo. Espero que você nunca se esqueça de mim, Porque aonde eu estiver nunca vou te esquecer”, diz o trecho de uma carta enviada à companheira por um detento do sistema penitenciário de São Paulo. Na despedida, o homem relata o desespero diante do medo e das incertezas sobre a vida dele e dos demais colegas no estabelecimento em que se encontram.

Superlotação, desinformação, falta de material de higiene, febres, abandono, pavor, falta de notícias em razão das visitas canceladas, retratam a desesperança contada por meio de cartas às famílias, em matéria divulgada no portal Geledés.

A Covid-19 chegou ao sistema penitenciário brasileiro e não poupou a população carcerária e os funcionários do sistema. A falta de EPI tem causado angústia aos servidores, denuncia o Sindicato da categoria. Dados do Departamento Penitenciário Nacional\* registram 1.135 detecções, 887 casos suspeitos, 37 óbitos, 565 recuperados, 4.255 testes, referentes a 19 de maio.

Para evitar a disseminação do vírus, o Conselho Nacional de Justiça – CNJ, recomendou algumas medidas no sistema carcerário e socioeducativo como, concessão de saídas antecipadas a pessoas de grupo de risco, prisão domiciliar para alguns casos e casos de diagnóstico de covid-19, cancelamento de visitas, entre outras providências possíveis ao enfrentamento e emergência de saúde pública, às pessoas de magistrados, agentes públicos, e pessoas custodiadas. A medida do CNJ atende recomendações da Resolução 01/2020 do Comissão Interamericana de Direitos Humanos, de respeito aos direitos das pessoas privadas de liberdade, e é um desafio aos Estados americanos para proteger todos e todas de forma efetiva, sempre de acordo com os Direitos Humanos internacional. As cartas, entretanto, refletem um outro cenário, o do esquecimento, de seletividade da vida humana, como alerta Mello, 2020.

“os dias que não passam são os piores da minha vida. Ninguém está preparado para passar essa que estamos passando. Nenhum ser humano se importa com nós”, diz outra carta.

A pandemia escancarou todo um quadro de vulnerabilidades e desigualdade social do país sem precedentes, principalmente dos corpos descartáveis, diz Mello, 2020. A ausência de políticas para essa população sempre foi um nó no país, e em meio a pandemia é urgente que seja repensada a partir de protocolos já citados. Em meio a tantas incertezas resta recorrer ao caminho proposto por Butler, 2020, o de impulsionar ainda mais as humanidades, e quantas vezes for preciso.

### CONSULTAS REALIZADAS:

1 <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoieYThhMjk5YjgtZWQwYS00ODIkdG4NDgtZTFhMTgzYmQ2MGVlIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThIMSJ9>  
<https://www.geledes.org.br/apavorado-com-o-risco-da-covid-presos-enviam-cartas-de-amor-e-despedida/>  
Kátia Sento Sé Mello, COVID-19 nas prisões brasileiras e seletividade penal e produção de corpos descartáveis. Disponível em [http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim\\_CS/Boletim\\_n44.pdf](http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n44.pdf)  
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoieYThhMjk5YjgtZWQwYS00ODIkdG4NDgtZTFhMTgzYmQ2MGVlIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThIMSJ9>  
<https://www.oas.org/pt/cidh/decisiones/pdf/Resolucao-1-20-pt.pdf>  
<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390>  
<http://depen.gov.br/DEPEN/covid-19-painel-de-monitoramento-dos-sistemas-prisionais>  
<https://sifuspe.org.br/noticias/7541-forum-penitenciario-denuncia-falta-de-protecao-contra-covid-19-ao-ministerio-publico-do-trabalho>

Ao refletir sobre a pergunta que origina esta escrita constato tristemente que a pandemia COVID 19 dialoga com diferentes temas e grupos com os quais estive envolvida durante minha trajetória de ensino, pesquisa, extensão, orientação e militância voltada para a área da Saúde Coletiva, Educação em especial em temáticas que envolvem relações de gênero, geração e étnico raciais.

Um dos pontos que destaco se refere justamente ao campo teórico com o qual dialogamos. Causa estranhamento que, depois da pandemia da aids e diante de mais de 50 mil mortes e de 800 mil pessoas infectadas ainda utilizemos o conceito de grupo de risco e não de vulnerabilidade como elemento analítico central da pandemia do COVID 19.

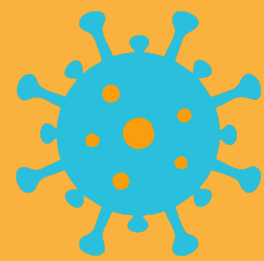
Todos estamos vulneráveis e é importante considerarmos os diferentes contextos/dimensões da vulnerabilidade (individual, social e programática como apontam Ayres e col.). De todas as dimensões a programática talvez seja a que, neste momento, aumenta a vulnerabilidade em nosso país, marcado pelo negacionismo: da pandemia, aquecimento global e circunferência do planeta. Neste cenário dados do Ministério da saúde são apagados, ações de prevenção e cuidado negligenciadas, o SUS destruído. A política pública de saúde é, neste momento, (des)governada por uma necropolítica traduzida na expressão: E daí?

Pessoas com aids, crianças, jovens, mães, mulheres, homens, negros(as), pobres população LGBT, serviços de saúde, seguridade, educação, violência, saúde mental, gênero, raça/etnia, maternidade, gestação, obstetizes, profissionais de saúde, profissionais de educação, estudantes, comunidade, cuidado muitas palavras chaves da minha existência afetadas por uma pandemia, afetadas pela supremacia do interesse econômico. Trata-se de biopolítica, necropolítica, vida nua e precária (com Foucault, Mbembe, Agambem e Butler). Marcadores sociais da diferença nos distinguem na precariedade que tragicamente nos une, naquilo que alguém um dia pensou que poder-se-ia denominar de humanidade. Seremos capazes de escrever uma nova história? Uma ridícula carta de amor para nós mesmos(as), não deixando ninguém fora do “nós”? Tornando as vidas, todas elas, passíveis do luto (Butler) que as torna vidas importantes?

CONSULTAS REALIZADAS:

AYRES, J. R.; PAIVA, V.; FRANÇA JÚNIOR, I. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: PAIVA, V.; AYRES, J. R.; BUCHALLA, C. M. (Org.). Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção da saúde: da doença à cidadania. Curitiba: Juruá, 2012. p. 43-94. (Livro 1).

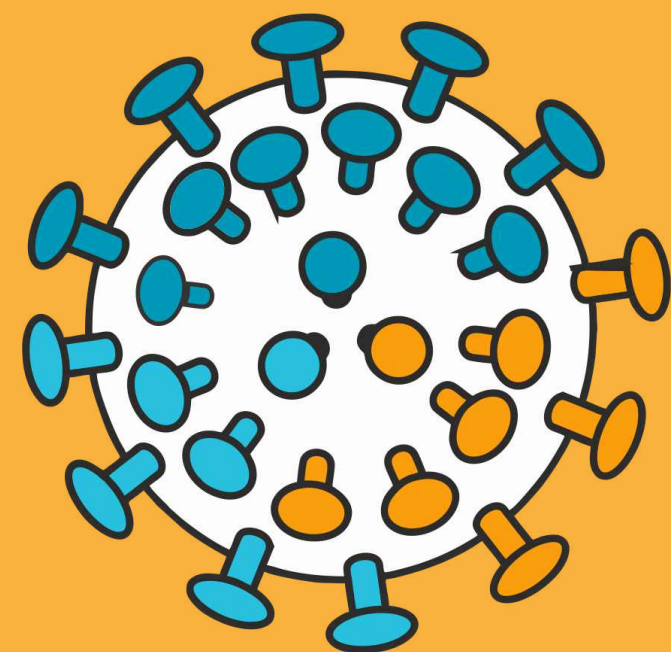
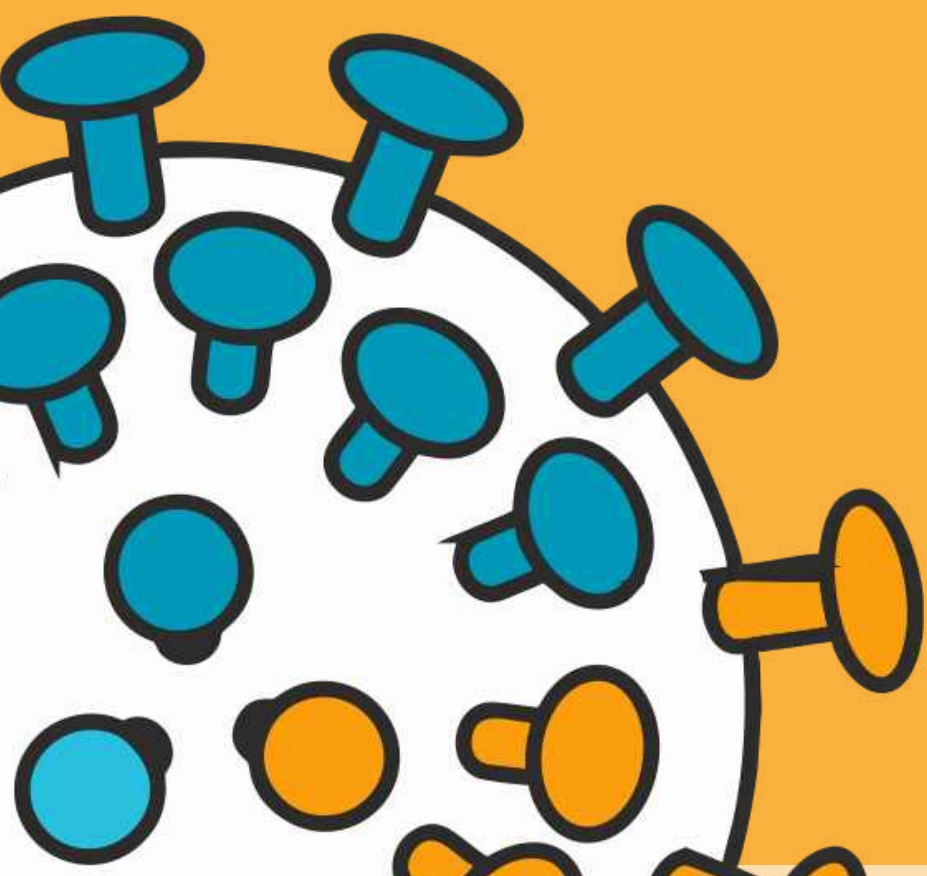




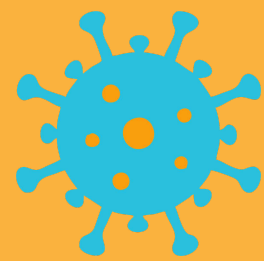
# O SENHOR JÁ SABE: viver é etcétera...

GUIMARÃES ROSA em

Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006







O mais importante e bonito, do mundo, é isto:

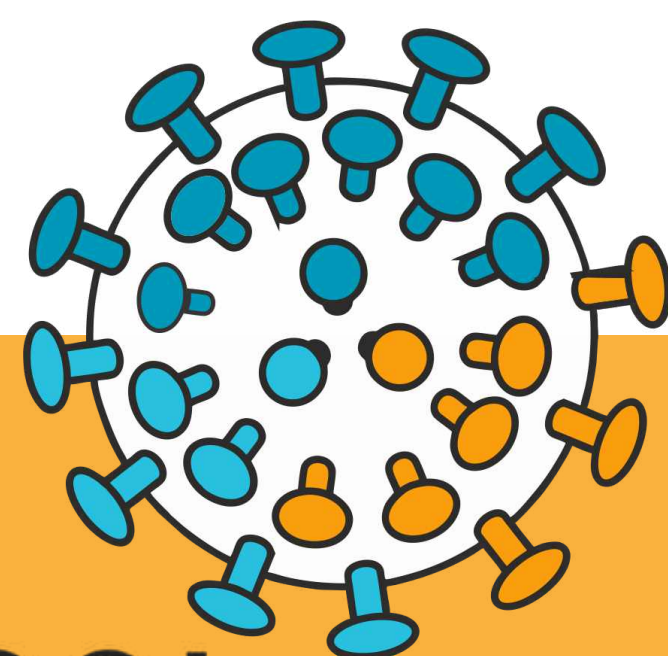
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando.

Afinam ou desafinam. Verdade maior. (p.23)

Viver é muito perigoso; e não é não.

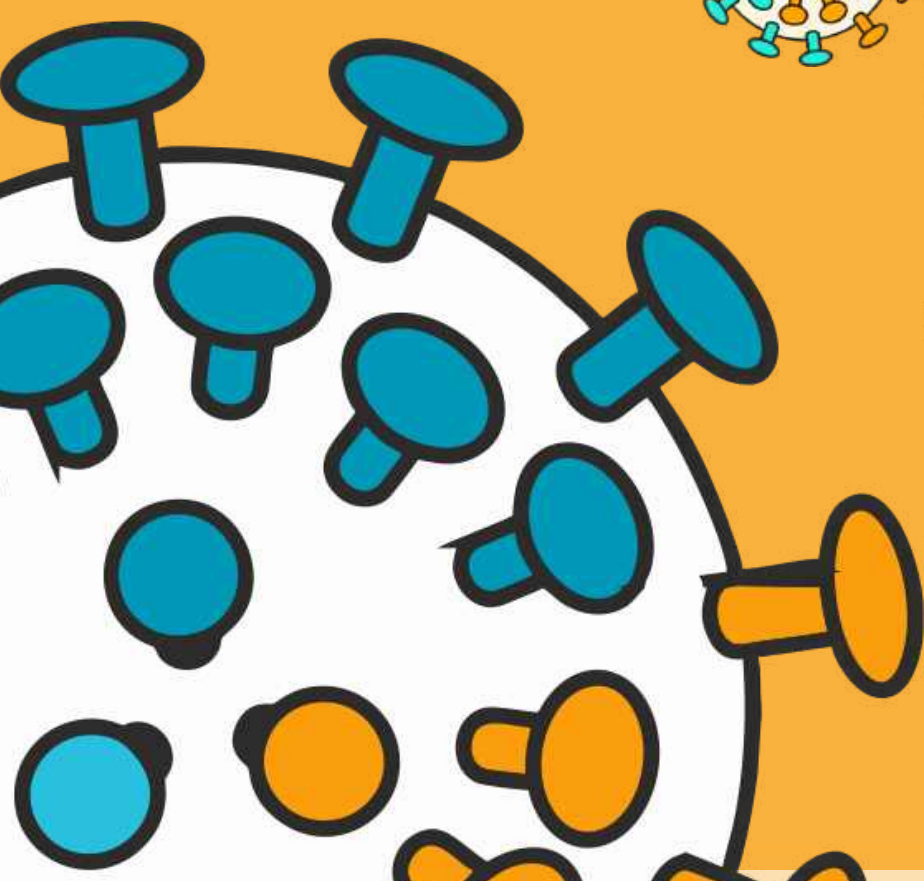
Nem sei explicar estas coisas.

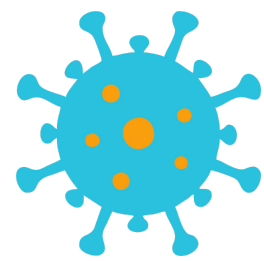
Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor (p.312)



O senhor já sabe:

viver é etcétera... (p. 94)





O correr da vida embrulha tudo,  
a vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa, sossega e depois  
desinquieta.

O que ela quer da gente é coragem.

O que Deus quer é ver a gente  
aprendendo a ser capaz

de ficar alegre a mais,

no meio da alegria,

e inda mais alegre

ainda no meio da tristeza! (p.318)

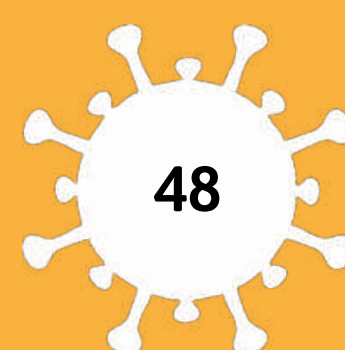
**A vida inventa!**

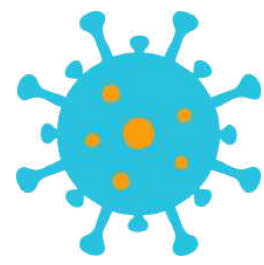
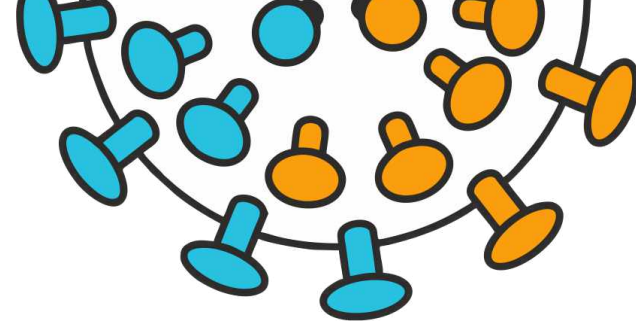
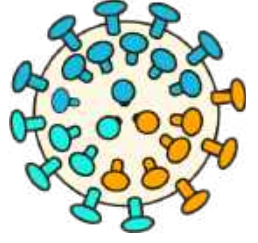
**A gente principia as coisas,**

**no não saber por que,**

**e desde aí perde o poder de  
continuação**

**-- porque a vida é mutirão de todos,  
por todos remexida e temperada. (p.461)**

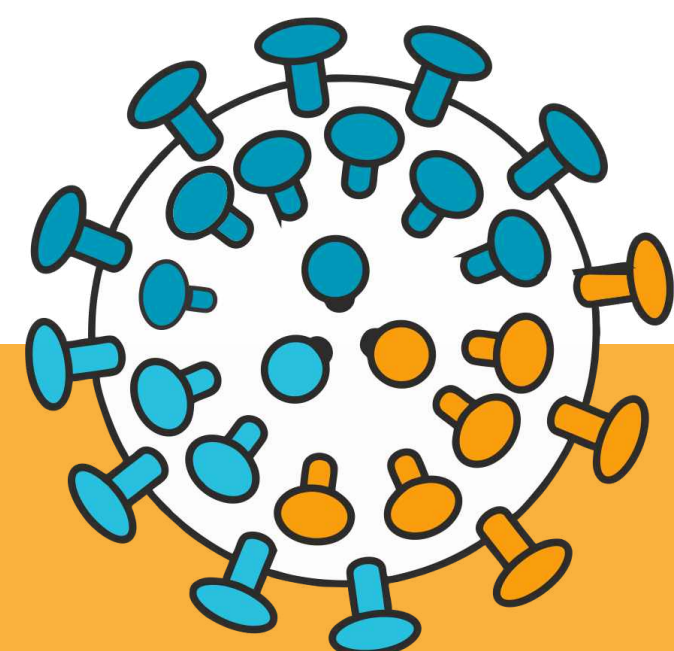
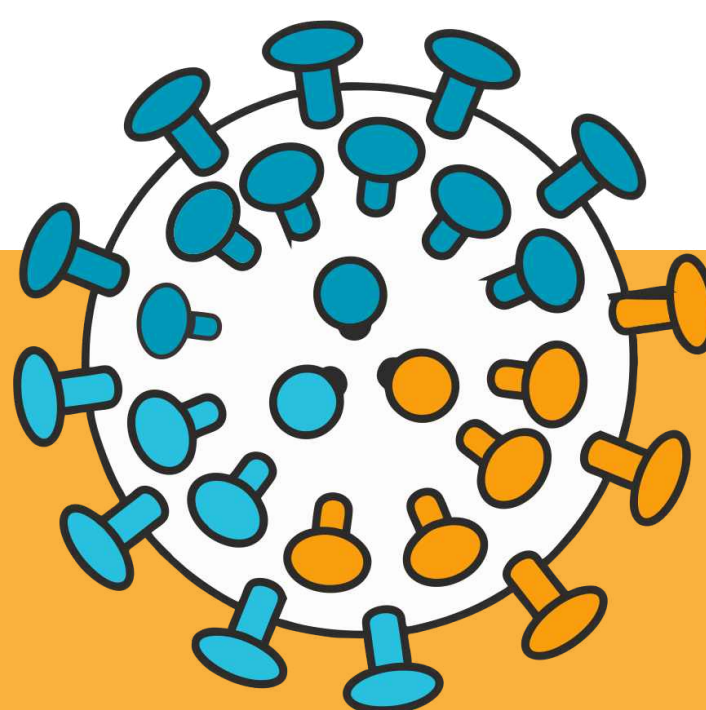
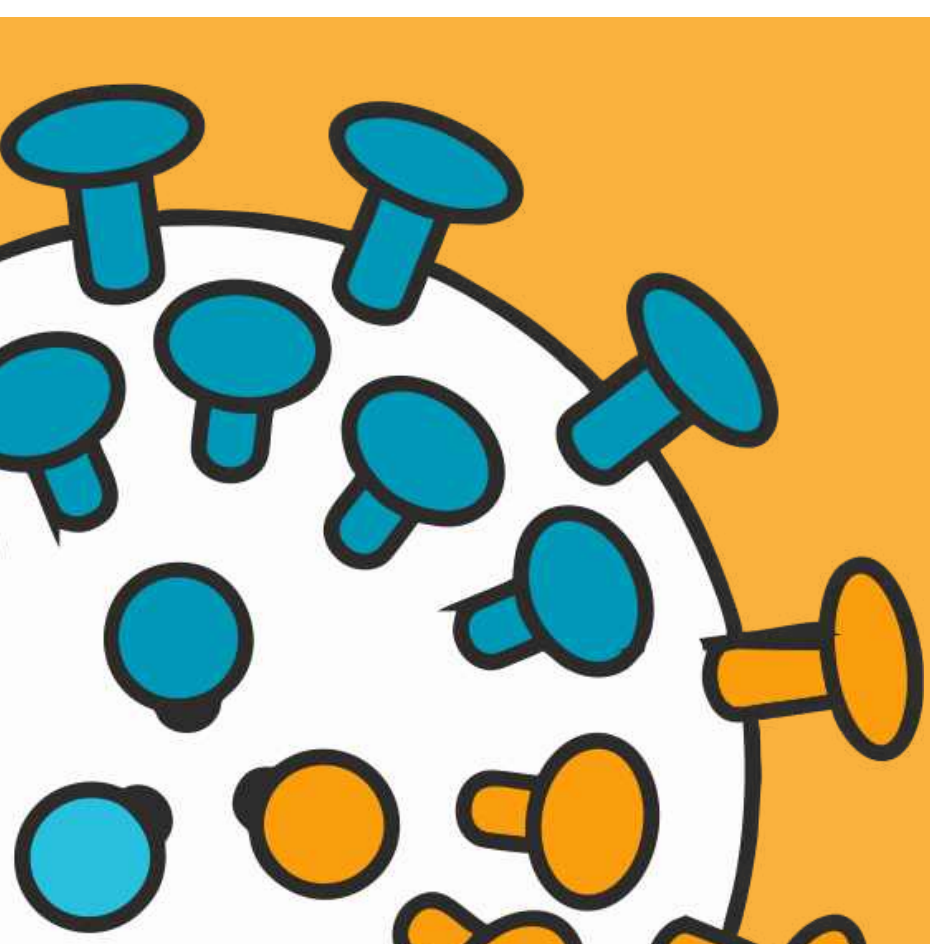




Viver – não é? – é muito perigoso.  
Porque ainda não se sabe.  
Porque aprender-a-viver é que é o  
viver, mesmo. . . (p.585)

O senhor crê minha narração? (p. 585)

O senhor já sabe: viver é etcétera...  
(p.94)



# Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

"Em 18 de agosto de 2005, pela Resolução Nº 5231, foi criada a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), a 47ª. unidade de ensino e pesquisa da USP. A criação da Unidade foi fruto de interesses diversos, como a pressão de movimentos sociais que demandavam a presença da universidade pública na região leste da cidade de São Paulo, oportunidades políticas, análises demográficas, urbanísticas e econômicas. Os primeiros cursos de Graduação da USP na Zona Leste de São Paulo foram implantados a partir de 27 de fevereiro de 2005, com oferta anual de 1.020 vagas. O projeto de expansão da USP priorizou a formação de recursos humanos voltados para os atuais desafios da sociedade brasileira, como o crescimento sustentável, o envelhecimento populacional, o uso das novas tecnologias de informação, a necessidade de ampliação dos direitos à saúde, à cultura, ao lazer e ao esporte e à atividade física, o aperfeiçoamento na formação de professores e a gestão das políticas públicas."

Fonte:

<http://www5.each.usp.br/wp-content/uploads/2019/08/ProjetoAcademicoInstitucionalEACH.pdf>

**Clique e assita o Vídeo Institucional EACH/USP- LESTE**



Fonte: Kita - Guarda Universitária



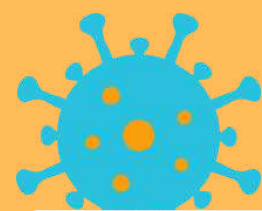
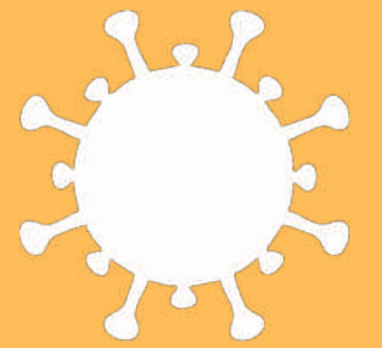
**EACH** | UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
Universidade de São Paulo



Programa de Pós-Graduação em

**Mudança Social e Participação Política**

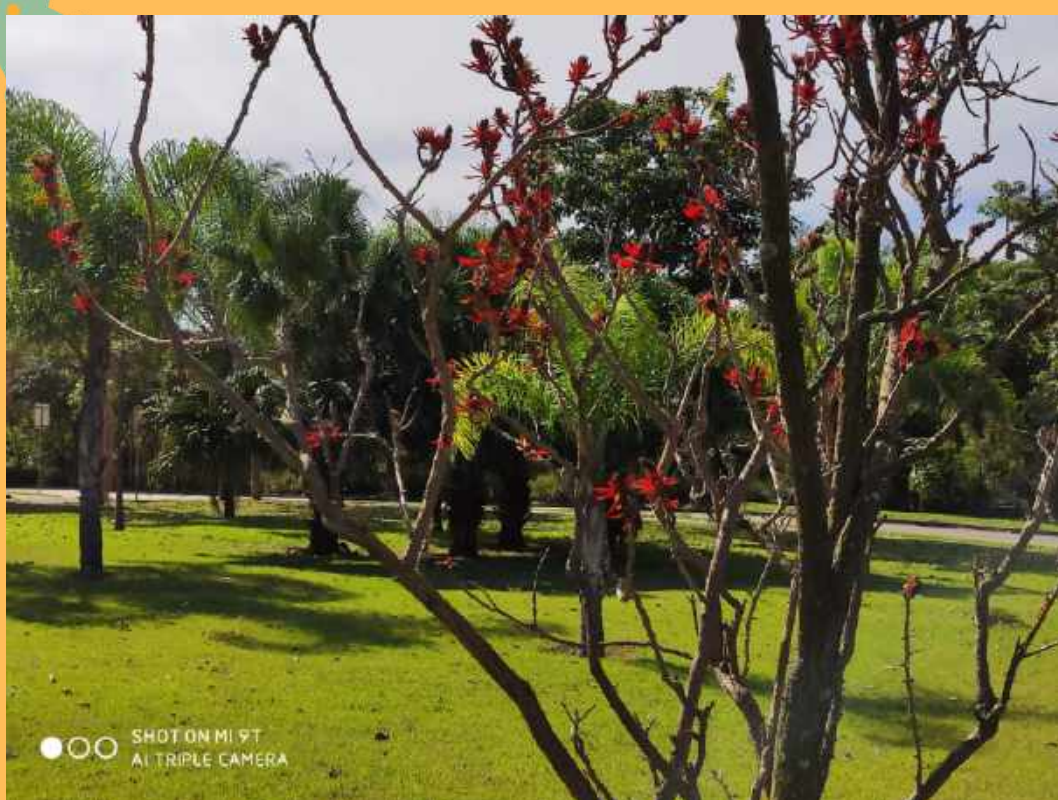
# Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, em tempos de COVID19



Fonte: Rosa Chubaci



Fonte: Kita - Guarda Universitária



Fonte: anônimo

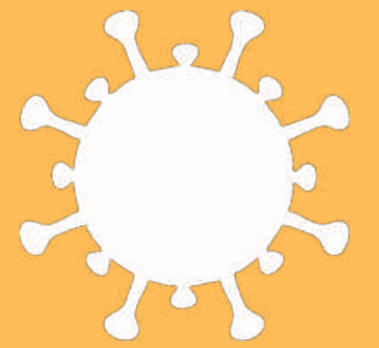


Fonte: Kita - Guarda Universitária



Fonte: Kita - Guarda Universitária

# Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, em tempos de COVID19



Fonte: Kita - Guarda Universitária



Fonte: Kita - Guarda Universitária



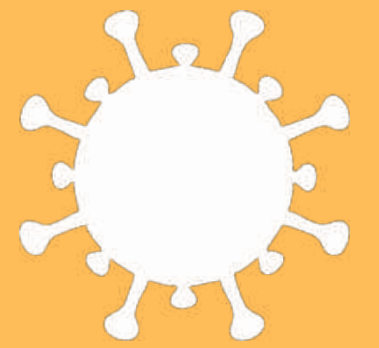
Fonte: Kita - Guarda Universitária



Fonte: Kita - Guarda Universitária



# Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, em tempos de COVID19



Fonte: Kita - Guarda Universitária



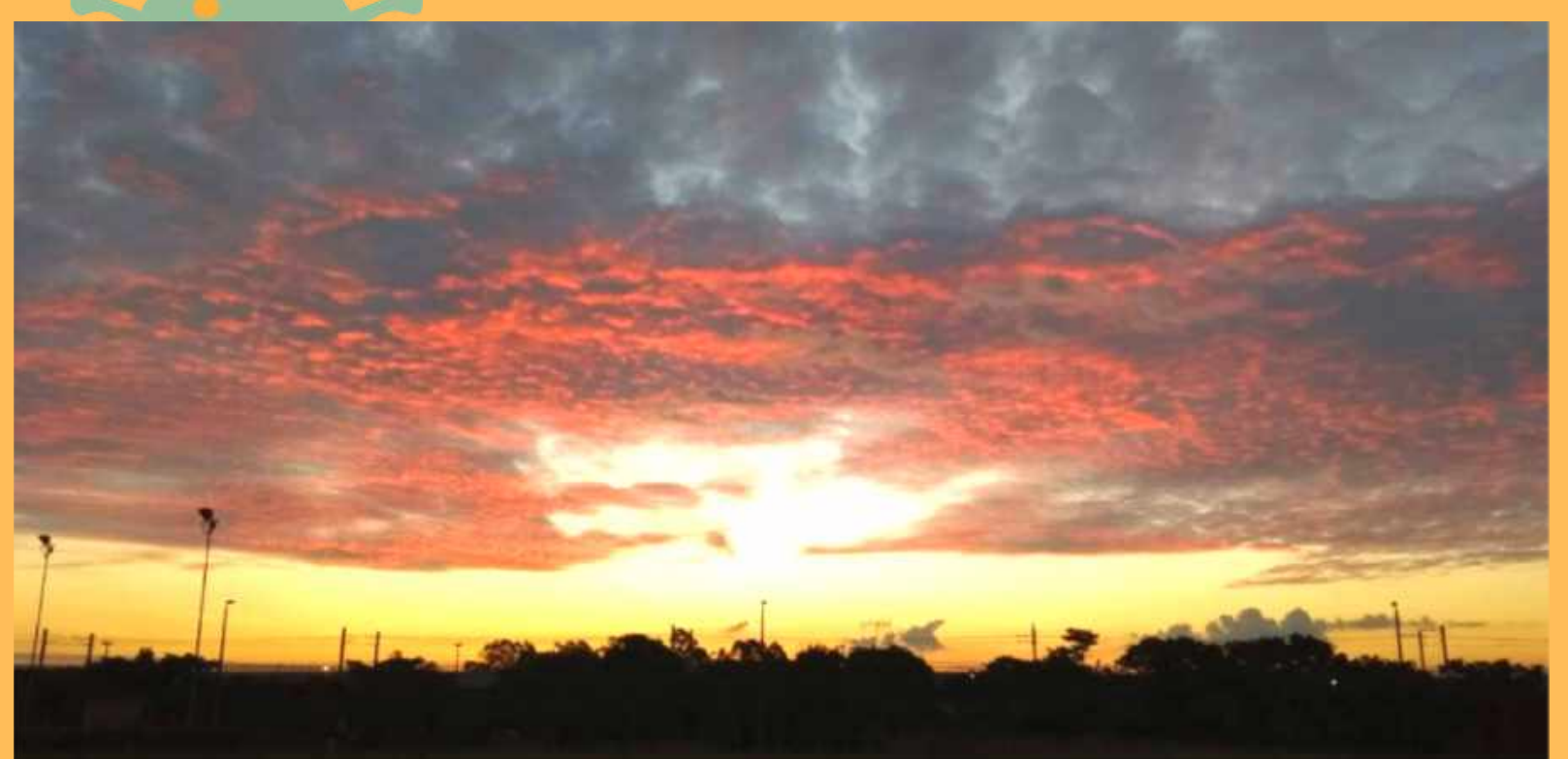
Fonte: Kita - Guarda Universitária



Fonte: Kita - Guarda Universitária



Fonte: Kita - Guarda Universitária



Fonte: Kita - Guarda Universitária

